

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLES  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

JOSÉ DE RIBAMAR GOMES DE SOUSA

A ECLESIOLOGIA DE ORÍGENES NO COMENTÁRIO AO  
CÂNTICO DOS CÂNTICOS

ANÁPOLES- GO  
2022

JOSÉ DE RIBAMAR GOMES DE SOUSA

A ECLESIOLOGIA DE ORÍGENES NO COMENTÁRIO AO  
CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Professor Pe. Me. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLES- GO  
2022

## **DEDICATÓRIA**

À Danielle Corrêa de Oliveira, que tanto me ajudou na digitação, formatação desse a quem eu devo muito no progresso da minha vida acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Pe. Me. Carlito Bernardes de Oliveira Junior, pelo incentivo à boa pesquisa. Ao meu diretor espiritual pe. Fabrizio Meroni pela responsabilidade do meu crescimento e formação espiritual. Ao senhor José Alves e Ana Alice oliveira e toda sua família que me acolheram nesta cidade e me incentivaram com seus testemunhos de vida a ter mais seriedade para com os estudos e vida vocacional. E, ao Frei Martinelli soares e frei Fábio Bernardo pela boa convivência durante os anos de formação inicial.

“Onde se encontram os três, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ali está a Igreja.”

(TERTULIANO)

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1 Cor.	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1 Tm.	Primeira Carta de São Paulo a Timóteo
1 Rs.	Primeiro livro de Reis
2 Cor.	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
2 Mac.	Segundo Livro de Macabeus
Ap.	Livro do Apocalipse de São João
Ct.	Livro do Cântico dos Cânticos
Dt.	Livro do Deuteronômio
DV.	Dei Verbum: Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II
Ecle.	Livro dos Eclesiásticos
Ef.	Carta de São Paulo aos Efésios
Ex.	Livro do Êxodo
Ez.	Livro do Profeta Ezequiel
Gl.	Carta de São Paulo aos Gálatas
Gn.	Livro do Gênesis
Is.	Livro do Profeta Isaías
Jo.	Evangelho de São João
Jr.	Livro do profeta Jeremias
Jz.	Livro dos Juízes
Lc.	Evangelho de São Lucas
Mt.	Evangelho de São Mateus
Nm.	Livro dos Números
Op. Cit.	Opere Citato (na obra citada)
Pr.	Livro dos Provérbios
Rm.	Carta de São Paulo aos Romanos
SC.	Sacrosanctum Concilium: Constituição do Concílio Vaticano II
Sl.	Livro dos Salmos
Tt.	Carta de São Paulo a Tito

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. ORÍGENES: O HOMEM-ESCRITOR, O EXEGETA, O ESPIRITUAL E O TEÓLOGO.....</b>	<b>13</b>
2.1. O HOMEM-ESCRITOR.....	13
2.2. O EXEGETA.....	16
2.3. O ESPIRITUAL.....	17
2.4. O TEÓLOGO.....	18
<b>3. A ECLESIOLOGIA DE ORÍGENES.....</b>	<b>20</b>
3.1. A IGREJA E SEU MISTÉRIO.....	20
3.2. A IGREJA DA PREEEXISTÊNCIA.....	22
3.3. A IGREJA VISÍVEL.....	26
3.4. A IGREJA DA APOCATÁSTASE.....	29
<b>4. A ECLESIOLOGIA DE ORÍGENES NO COMENTÁRIO AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS.....</b>	<b>40</b>
4.1. O LIVRO O CÂNTICO DOS CÂNTICOS.....	40
4.2. INTERPRETAÇÕES ALEGÓRICAS.....	42
4.3. O COMENTÁRIO AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE ORÍGENES.....	48
4.4. O PRÓLOGO DO COMENTÁRIO.....	51
4.5. A ECLESIOLOGIA DE ORIGENES NO COMENTÁRIO AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS.....	55
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Por sua criatividade teológica e cultural, os primeiros séculos da era cristã constituíram um período decisivo para o Cristianismo. E, dentre as várias figuras dessa época, destaca-se Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.). Fundador da crítica ao texto bíblico, profundo conhecedor da literatura e da filosofia, homem da Igreja e pregador, Orígenes expressou-se, originalmente, nesse âmbito deixando marcas profundas e duradouras no Cristianismo da sua época até os dias de hoje. Nesses mais de dezoitos séculos de história, certamente, nada há negado a grandeza do gênio Orígenes e a profundidade de sua influência. Pode-se compará-lo somente a Agostinho e a Tomás de Aquino, continuando a ser o maior dos teólogos que a Igreja do Oriente já produziu.

A eclesiologia de Orígenes é um tema que perpassa séculos e continua atual, já que o tema Igreja continua em permanente discussão. Orígenes fala de Igrejas, comunidades concretas presentes no mundo, estruturadas de fatos segundo as diversas funções dos seus membros em relação de comunhão entre si. O ponto de partida para Orígenes construir sua eclesiologia, é o termo Igreja no singular, expressando uma realidade universal que transcende as Igrejas particulares. Os escritos de Orígenes possuem abundantes informações sobre as condições concretas da comunidade cristã e afirmam que a Igreja daqui debaixo será sempre variada e não se purificará completamente antes do fim do mundo. Orígenes não pensa, para esse mundo, numa Igreja espiritual distinta da concreta e nem entende pecado e santidade como algo simultâneo e dialético. Para ele, a Igreja é, por si mesma, santa, apesar de acreditar que a perfeição da santidade pertença somente à condição escatológica.

É a partir do Novo Testamento que Orígenes refere-se à Igreja no tempo. Para ele, no Antigo Testamento deu-se a sinagoga construída por um centurião antes dos tempos da vinda de Jesus. A passagem do Antigo ao Novo Testamento corresponde à passagem da sinagoga para



a Igreja, que é também passagem da exterioridade para a interioridade. Orígenes também fala da preexistência da Igreja, esta que existe antes da queda, antes da constituição do mundo. Para ele, a Igreja não se iniciou com Cristo e os Apóstolos, mas existe realmente desde o começo do mundo: compreende aos justos do Antigo Testamento e vive sempre a espera de Cristo; a chegada do esposo na carne, e sua união com a Igreja, faz com esta passe da idade infantil à adulta, da imperfeição da lei à perfeição da graça.

Quanto aos traços temporais da eclesiologia de Orígenes, estes estão relacionados com a questão dos dois testamentos, ou seja, a passagem da lei ao Evangelho. Sendo assim, esta é uma eclesiologia dos grandes tempos históricos da salvação. Mais do que uma eclesiologia do povo de Deus, Orígenes desenvolve a eclesiologia dos dois povos, o antigo e o novo Israel, tomando como exemplo o texto de Gênesis 25, 23, em que os dois povos estão representados por Esaú e Jacó, respectivamente, ainda no ventre de Rebeca, sendo que, no decorrer da história, Jacó, o menor, supera Esaú, o maior. É assim também a Igreja que sucede a sinagoga.

A estrutura da Igreja em Orígenes aparece como dado consolidado no tempo: os bispos, presbíteros e diáconos e, freqüentemente citados em algumas obras suas, desenvolvem uma função de guia e de presidência. Os bispos estão no lugar de Jesus, os presbíteros no dos patriarcas e dos apóstolos e os diáconos no dos sete arcanjos. A função diaconal para Orígenes está fundamentalmente ligada à administração dos bens da Igreja. O episcopado e o presbiterado, ainda que distintos, aparecem conexos. Falta em Orígenes uma doutrina da sucessão apostólica.

Dentre os vários temas sobre a Igreja em Orígenes, o que mais ganha relevo é o tema da Igreja-esposa e esse tema está na base da sua interpretação do Cântico dos Cânticos. Aqui, a esposa é muito mais do que uma imagem, é a definição mesma da Igreja, a que se aplica distintas imagens, como, por exemplo, a Igreja-esposa no cosmo – essa imagem pertence ao seu ser lua iluminada por Cristo-sol, tratando-se de uma imagem cósmica. Sol e lua, luminárias do

mundo. A Igreja é reflexo da luz de Cristo, ou seja, total dependente dele. Assim, é luz destinada a desaparecer quando o sol da justiça resplandecer completamente sobre os homens.

Da união da Igreja com Cristo, Orígenes traça o paralelo da união do justo com o Senhor, em vista de se tornar uma só coisa com Ele. Essa união não significa perda da identidade pessoal, mas somente do aspecto terreno e material, sendo conservados e potencializados os aspectos espirituais. Essa união ou iluminação plena, segundo Orígenes, só será possível na escatologia. Assim, a Igreja se encontra entre Cristo e o mundo, este representado por aqueles que não se encontram em condições de iluminar a outros. Assim, a Igreja é mediadora de luz.

Podemos afirmar que Orígenes também tem como referência a Igreja-esposa quando assevera o pecado na Igreja. Ele fala de uma Igreja sem mancha, ou seja, o pecado não pertence à Igreja, mas, até que não se chegue à plena transformação dos crentes, Cristo – mesmo impassível na sua divindade – sofre o que sofre o seu corpo, que é a Igreja. Orígenes, comentando o texto de Ef. 5,27, fala que, na primeira vinda, Cristo purifica a Igreja com a água do batismo e, mais em geral, esse texto expressa também o progresso da alma e da Igreja rumo a sua perfeição. Para Orígenes, a pertença à Igreja Imaculada, junto com os Apóstolos, é parte da Igreja de Cristo construída sobre a pedra e é Ele mesmo, Cristo, a pedra que sustenta todo o edifício. Essa pertença dá-se agora e não é exclusivamente escatológica, apesar de que a relação com a escatologia permanece clara, porque a perfeição é sua antecipação.

Hipólito foi o primeiro a fazer uma leitura eclesiológica do Cântico dos Cânticos com precedente na exegese hebraica. Porém, é peculiar de Orígenes a passagem da aplicação eclesiológica de alma singular à esposa. O tema sponsal do Cântico dos Cânticos não consiste somente no Cristo que busca a esposa e, sim, também, na esposa que deseja e espera o Cristo e, toda história desde adão em diante, não é mais do que uma preparação a esse encontro. “Que me beije com os beijos da sua boca” (Ct. 1,2) segundo Orígenes é a voz da Igreja preparada

para as bodas pelo ministério dos profetas. Inflamada de amor, roga ao Pai do esposo que o envie para que ela possa falar a Ele mesmo presente na carne.

Orígenes começa o seu comentário ao Cântico dos Cânticos com um grande prólogo, onde trata de questões que considera preliminares para uma interpretação ordenada: expõe a matéria do Cântico dos Cânticos, a natureza do amor, a relação do Cântico dos Cânticos com os outros dois livros de autoria atribuída a Salomão (Provérbios e Eclesiastes) e o vínculo do Cântico dos Cânticos com outros cânticos do Antigo Testamento. O Cântico dos Cânticos, mesmo contendo um conteúdo erótico, foi compreendido pelos judeus como expressão de amor esponsal entre JHWH e Israel. No meio cristão, os esposos começaram a significar Cristo e a Igreja. Essa interpretação apareceu pela primeira vez no comentário de Hipólito ao Cântico dos Cânticos. Já Orígenes, no seu comentário, usa duas interpretações: uma literal e outra alegórica. Para Orígenes, só se podia dar significado religioso a interpretação literal através da alegoria. Orígenes também observa que, no Cântico dos Cânticos, além dos protagonistas principais há outros personagens ao seu redor: as companheiras da esposa e os amigos do esposo.

A interpretação espiritual só é convincente se tiver como base uma exata significação literal. A interpretação espiritual é articulada em duas propostas: uma tradicional ou comunitária, em que os esposos simbolizam Cristo e a Igreja; e, outra, psicológica ou individual, em que o esposo continua sendo o Cristo, mas a esposa é a alma do crente. O tema do amor entre Cristo e a Igreja desenvolve-se a partir de um contraste entre Israel e a Igreja, ou seja, entre a velha economia do Antigo Testamento e a atual economia do Novo Testamento, sendo que os amigos do esposo simbolizam os profetas e as filhas de Jerusalém, o povo Judeu, que não aceitou a mensagem de Cristo.

São Jerônimo (340-420) considerou o Comentário ao Cântico dos Cânticos como obra mestra de Orígenes, afirmando que, nas suas outras obras, Orígenes superou a todos e, no comentário ao Cântico dos Cânticos, superou a si mesmo. Na interpretação desse cântico de

amor, Orígenes pôde aplicar seus princípios hermenêuticos de modo particularmente acertado. Representou uma novidade para seu tempo. O Cântico dos Cânticos por si só exige, em sentido cristão, uma interpretação alegórica. Olhando do ponto de vista da letra, o cântico de amor dos esposos reais não traz nada que possa autorizar sua inserção no cânone dos livros divinamente inspirados.

O único exegeta cristão da antiguidade que impugnou a interpretação alegórica desse livro foi Teodoro de Mopsuesta (séc. V d.C.), que se viu obrigado a negar também seu caráter inspirado.

O Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes tem por finalidade responder a questão de como devemos ler o Cântico dos Cânticos, já que Orígenes o considera como alimento sólido e adequado somente aos perfeitos. A interpretação Origeniana do Cântico dos Cânticos exerceu influência em toda a exegese posterior. Alguns a seguem de perto, outros se inspiram nela com total liberdade. Os místicos preferem, dentro da interpretação espiritual, a linha individual, ou seja, o amor entre Cristo-esposo e a alma do crente.

A atualidade do Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes deve muito a eclesiologia nele desenvolvida, pois muitas das visões de Igreja ali encontradas – principalmente da Igreja-esposa, da Igreja na Trindade – são retomadas na Constituição Dogmática do Vaticano II sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*.

E, todo o cristão que lê o Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes é convidado a sentir a necessidade de progredir sempre na fé para chegar a ser como a esposa, digno de uma união perfeita com o Esposo, Cristo.

Da gama de significados que possui a eclesiologia de Orígenes dar-se-á maior ênfase, no desenvolvimento desse trabalho, ao tema Igreja-esposa, já que o mesmo é a base de todo o Comentário ao Cântico dos Cânticos.

## **2. ORÍGENES: O HOMEM-ESCRITOR, O EXEGETA, O ESPIRITUAL E O TEÓLOGO.**

### 2.1 – O homem-escritor.

Orígenes cognominado Adamâncio, homem de aço ou de diamante, nasceu em 185 d.C., verossimilmente em Alexandria, de uma família cristã. Recebe do pai Leônidas uma educação particularmente profunda. Depois do martírio do pai, Orígenes abriu uma escola de gramática, para poder manter a mãe e seis irmãos menores. O bispo Demétrio lhe confiou a formação dos catecúmenos. Depois que a família não mais precisou de seu auxílio, ele deixou de ensinar gramática, dedicando-se ao ensino da catequese. Impelido pelo radicalismo que caracterizou sua juventude, vende os manuscritos em seu poder por uma soma muito pequena e este gesto parece indicar uma renúncia a tudo que não fosse conhecimento de Deus. Mas suas exigências apostólicas obrigaram-no a retornar aquilo que havia abandonado: os estudos filosóficos. Tendo obtido grande êxito no ensino confia a Heraclas a catequese propriamente dita, reservando para si os alunos mais desejosos de progredir e o contato com heréticos e pagãos. Chegando aos trinta anos de idade, começa a escrever, estimulado a isto por Ambrósio, um homem rico de Alexandria, que fazia parte da heresia valentiniana e foi conduzido à ortodoxia por Orígenes. Durante este primeiro período de sua vida, Orígenes teve morada habitual em Alexandria. Por volta de 231, foi convidado pelo bispo da Acaia a ir a Atenas discutir com grupos de heréticos. Durante a viagem, passa por Cesaréia da Palestina, onde Teoctisto e Alexandre o ordenam sacerdote. De volta a Alexandria, Orígenes foi exilado do Egito e depois suspenso de ordem por Demétrio e um concílio de bispos e sacerdotes, já que aquele não aceitava a ordenação de Orígenes sem o requisito de sua aprovação, decisão esta que foi sustentada por alguns bispos.

No entanto, Orígenes retira-se para Cesaréia, onde é bem acolhido pelos amigos palestinos e onde, como em outros lugares, não se deu importância à decisão de Demétrio.

Orígenes volta a ensinar e pregar com freqüência, sua atividade literária continua considerável, pois Ambrósio foi encontrar-se com ele em Cesaréia, com estenógrafos e copistas. Orígenes viajava muito: à Atenas, onde inicia o comentário ao Cântico; à Arábia, onde durante um sínodo reconduz a ortodoxia o bispo Berilo e discute com um grupo de cristãos que afirmava que a alma morre com o corpo e ressuscita com ele. A perseguição de Décio, em 250 d.C., põe bruscamente fim a esta atividade caudalosa e multiforme. Preso e torturado, Orígenes proclama corajosamente a própria fé. Não se deseja a sua morte, mas sua apostasia, cujo efeito seria notável do momento em que ele é entre os cristãos de sua época a figura mais relevante. A morte do imperador reconduz a liberdade no decurso de alguns meses, mas com a saúde arruinada morre pouco depois aos 69 anos completos, provavelmente em 254. Seu túmulo era ainda visível em Tiro, no século XIII na Igreja do Santo Sepulcro.

Orígenes é provavelmente o autor mais fecundo da Antiguidade, tanto pagã quanto cristã. O elenco de suas obras transmitidas por Jerônimo na Carta 33 a Paula, embora incompleta é surpreendente. Em sua hexapla, transcreve todo o texto do Antigo Testamento em seis colunas: o hebraico, em caracteres hebraicos e gregos. Grande parte da bíblia foi comentada por Orígenes, com diferentes métodos. E seus comentários eruditos existem, em grego: nove livros sobre João e oito sobre Mateus; na versão latina de Rufino: dez livros sobre a epístola aos Romanos e quatro sobre o Cântico dos Cânticos. Um tradutor anônimo transmitiu em latim toda a segunda metade do Comentário a Mateus; foram conservadas numerosas homilias, cerca de trezentas. As obras de Orígenes compreendem: anotações, homilias e comentários. As anotações compreendem breves explicações de determinada passagem das Escrituras de textos particularmente difíceis ou mais interessantes. Infelizmente nenhuma dessas anotações chegou até nós. É verdade que grande parte desse material foi assinalado por escritores posteriores e condensados nas cadeias exegéticas<sup>1</sup>; as homilias entram na atividade sacerdotal desenvolvida

---

<sup>1</sup> Entende-se por cadeia exegética as coleções de trechos exegéticos relativo a um livro da Escritura reunidos por tardios compiladores que tiraram esses trechos de obras exegéticas anteriores geralmente perdidas. Trata-se de

por Orígenes em Cesaréia, onde pregava com freqüência. Chega a comentar sistematicamente quase todos os livros da Escritura. Existe muito material em latim graças às traduções feitas por Jerônimo e Rufino; já os comentários constituem a obra de maior esforço de Orígenes, estão mais desenvolvidos que as homilias. O comentário de Orígenes sobre os três primeiros capítulos do Gêneses teve grande importância entre os Padres por sua antropologia, cristologia e doutrina trinitária.

O *De Principiis* ou *Peri Archôn*, fonte de póstumas acusações contra o Alexandrino, é o primeiro ensaio de reflexão teológica que a religião cristã possui e que recebe seu impulso da regra de fé, apoiando-se na Escritura e na razão; chegou até nós por inteiro somente na tradução latina. O *Contra Celsum*, confutação em oito livros dos ataques do filósofo Celso expresso no Discurso Verdadeiro contra o cristianismo, é a obra apologética mais importante da antiguidade cristã. A maior parte da imensa obra de Orígenes não fugiu da usura do tempo e da violência persecutória do imperador Justiniano. Aquilo que nos resta tem uma amplitude ainda considerável, mas a maior parte consiste em traduções latinas e em fragmentos.

Orígenes em toda sua obra é, ao mesmo tempo, um exegeta, um homem espiritual e um teólogo especulativo. É impossível compreender sua exegese e sua especulação se se esquece de que estas nascem de um homem espiritual. Sua espiritualidade e sua teologia são de um exegeta; ele faz a teologia de sua exegese e de sua espiritualidade. Orígenes conhece muito bem a filosofia e a ciência de seu tempo e as ensina. Ele, porém, não é um filósofo, utiliza a filosofia como teólogo. Quanto à ciência, esta lhe serve para a explicação do significado literal da Escritura.

---

verdadeiras antologias de exegese bíblica; graças a elas é-nos dado conhecer embora em fragmentos as interpretações que foram dadas pelos Padres e sobre vários textos da Escritura.

## 2.2 – O Exegeta.

É conhecido o trabalho filológico de Orígenes em relação aos textos escriturísticos. Mostra-se muito atento à palavra textual e aos problemas filológicos. A grande mostra desse interesse é a *Hexapa* graças a qual fundamenta o que se hoje denomina crítica bíblica. Orígenes sem nenhum obstáculo é o interprete alegórico por excelência. O Antigo Testamento apresentou grandes problemas de interpretação na Igreja antiga. Os cristãos se encontravam no meio dos Judeus que destacavam o valor literal do texto e urgiam a prática da lei mosaica, os gnósticos rejeitavam o Antigo Testamento como se fosse obra do demiurgo e não de Deus, revelado por Jesus Cristo. Ambos movimentos mantinham o sentido literal do texto. Os cristãos encontravam-se, pois, na necessidade de manter o Antigo Testamento e por isso mesmo sentiam o desejo de ter que dar-lhe uma interpretação compreensível aos seus contemporâneos. Surge a interpretação alegórica cujo grande representante será Orígenes. A interpretação alegórica do Antigo Testamento é anterior a Orígenes, sendo encontrada em São Paulo. Hipólito de Roma apresenta em seus escritos exegéticos um comentário fundamentalmente alegórico; foi contemporâneo de Orígenes, porém entre Hipólito e Orígenes não existiu contato algum. Assim, pois, Orígenes aprofunda e desenvolve muitíssimo em seu tempo este modo de interpretar o Antigo Testamento, empregando o sentido alegórico e também valorizando o sentido literal. Existe nele certa preocupação pelo sentido filológico, deixando entrever em seus escritos quão é sensível a letra do texto bíblico. A necessidade de opor-se a leitura gnóstica das Sagradas Escrituras, leva Orígenes cada vez mais a interpretação alegórica. Orígenes comenta quase toda bíblia, dispondo de maneira sempre nova seu sentido espiritual. Com Orígenes se dá o começo de um estudo denominado científico da Sagrada Escritura, por isso consideraram Orígenes um fundador de uma ciência: a exegese.

Para Orígenes, o sentido literal é como um recipiente que conserva o essencial ao texto bíblico. É o corpo da Escritura. Ele é um convencido de que a Escritura é o único testemunho da libertação do homem, servindo aos homens é capaz de conduzi-los a sua integridade. Como o homem está formado por corpo, alma e espírito, o mesmo devemos pensar das Escrituras que Deus estabeleceu para salvação do homem. O corpo do homem lhe corresponde o sentido literal que é útil aos cristãos, que se apegam a letra. A alma do homem se vincula ao sentido moral, útil aos que progridem. Já ao espírito do homem se relaciona o sentido espiritual, ao qual somente tem acesso os perfeitos. O sentido literal não é depreciado em Orígenes, ao contrário, Orígenes recorre sempre ao mesmo não somente por ser útil a edificação de tantos que não conseguem alcançar o sentido espiritual da Bíblia, mas porque sem



ele não se pode chegar a um nível moral e espiritual. A interpretação moral é uma leitura atualizante das Escrituras, em que o leitor se sente interpelado pelo texto no nível prático da vida. O sentido espiritual pode assumir a forma tipológica aplicada, sobretudo, ao Antigo Testamento e que Orígenes estende ao Novo Testamento e ainda pode ter a forma escatológica e eclesial que fazem referência a vida da Igreja. Para o Doutor Alexandrino, o fiel tem um itinerário a seguir no estudo das Escrituras, partindo do sentido literal, é atraído pelo moral para depois alcançar o sentido espiritual. Esta dinâmica está transcrita no Comentário ao Cântico dos Cânticos, onde o esposo e a esposa são descritos em sentido literal e aprofundados e contemplados no sentido espiritual como Cristo e a Igreja.

Orígenes assegura que o autor escriturístico assinala, às vezes, o cumprimento do sentido histórico para que, assim, o leitor se sinta incitado a ir ao sentido espiritual. Frente à pergunta: por que, então, o autor das Escrituras não quis que o sentido espiritual fosse o mais visível? Orígenes responde que a verdade deve ser conquistada com empenho e esforço e cita uma passagem dos sinóticos “não lanceis as pérolas aos porcos” para indicar que a verdade não pode ser de todos; a pérola deve ser buscada com tenacidade. Na realidade, os significados da palavra divina são infinitos e, igualmente, infinitos são os níveis de compreensão de cada significado, dos quais se pode participar progressivamente em um constante crescimento espiritual. A relação entre o texto sagrado e o cristão não se configura como captação passiva de um conteúdo dado, mas dinamicamente com esforço da parte do cristão para penetrar cada vez mais a fundo no sentido inesgotável da palavra divina.

Não se medita o Antigo Testamento do modo cristão se não se vê nele a prefiguração de Cristo. Por mais valiosa que sejam as lições que se pode tirar de muita das suas passagens, se é, todavia, neste caso, um homem da antiga aliança que não chegou a ser cristão é incapaz de descobrir como Jesus dá sentido a toda história que o precede. A sua vez, o Novo Testamento nos pede uma adesão pessoal a Jesus de quem ali se fala e, por esse motivo, sua história não é comparável a nenhuma outra: a vida de um grande homem pode interessar-me intelectualmente e até efetivamente, porém que seja verdadeira ou falsa não mudará fundamentalmente nada a minha. Enquanto que o Evangelho mostra que Jesus pretende atuar em minha vida mesmo que eu o afaste. (CROUZEL, 1998. p. 122)

### 2.3 – O Espiritual.

A categoria predominante no pensamento de Orígenes é a do progresso tanto no que se refere ao conhecimento como também a santidade. É a passagem da letra ao espírito que impulsiona o cristão a um conhecimento cada vez mais profundo do “mistério” de Deus. Orígenes descreve a evolução espiritual do homem sob dois aspectos: conhecimento

progressivo e a santidade. O conhecimento representa a integração do homem em sua totalidade de tal maneira que o corpo é assumido e elevado ao Espírito. A santidade marca a vitória do homem interior sobre o homem carnal, é o progredir do homem dentro dos desígnios misteriosos de Deus. A doutrina espiritual de Orígenes está presente por toda parte em cada escrito exegético. Orígenes é criador de muitos temas místicos que são retomados pelos seus sucessores. O Comentário ao Cântico dos Cânticos é de grande importância para compreender a doutrina mística de Orígenes, o Cântico proclama que pelo amor se chega a união com Deus, para Orígenes o amor é a força que anima e sustenta a marcha do homem para Deus. A contemplação é fruto do amor pela verdade, caminho que começa nessa vida e prossegue na outra. O ponto culminante de sua mística é o conhecimento no amor que envolve todo caminho do cristão. Para Orígenes, a ascensão espiritual através da oração e da virtude é representada pela transfiguração, em que a divindade de Jesus transparece através da sua humanidade. Para Orígenes, a transfiguração é o símbolo do mais alto conhecimento que o homem possa ter aqui na Terra de Deus em seu Filho.

Orígenes manifesta muitas vezes uma devoção profundamente afetiva para com Cristo. Em suas obras se encontram alguns testemunhos, poucos mais claros de uma experiência mística pessoal.

#### 2.4 – O Teólogo.

A teologia de Orígenes não tende a afirmar e a definir, senão buscar. Orígenes, antes de tudo, é um comentador das Sagradas Escrituras. Conhecia muito bem as Sagradas Escrituras de maneira que seus escritos são exegéticos e de fundo exegético. Sua teologia se desenvolve, pois a partir de uma visão bíblica e sempre problematicamente e, não, categoricamente. O desenvolvimento teológico nasce de um texto bíblico, este é o fundamento radical de toda a sua reflexão. Porém, o texto não pode encerrar-se num sistema determinado, por isso Orígenes apresenta várias hipóteses de compreensão. A teologia de Orígenes é inseparável de sua exegese e de sua doutrina espiritual. Ela se desenvolve em grande medida como reação às heresias de seu tempo. Contra os macionitas, Orígenes afirma a bondade do Criador e sua identidade com o Pai de Jesus, como também a concordância dos dois testamentos e o valor do antigo; contra os valentinianos, afirma o livre-arbítrio, a responsabilidade pessoal e a recusa de uma predestinação como lei da natureza. Em relação à Trindade, Orígenes procura expressar de um modo mais dinâmico do que ontológico a unidade das pessoas e a personalidade própria de cada uma. Encontramos em Orígenes pela primeira vez a proposta da eternidade do Filho, a fórmula:

“nunca houve um momento que o Filho não fosse”. Se Orígenes não vê Maria totalmente isenta do pecado, mas foi o primeiro a proclamar a sua virgindade perpétua.

Aquilo que se deu o nome de origenismo foi tirado não do conjunto da teologia de Orígenes, mas de algumas especulações do *De Principiis*. O único ponto claramente demonstrado é a hipótese da preexistência da alma que, em referência a sua época, não pode ser definida herética, pois a Igreja não possuía nenhuma doutrina acerca da origem das almas, a não ser a sua criação da parte de Deus. Quanto à apocatástase, a restauração do fim dos tempos, esta deriva do texto de 1Cor 15,23-26. E se alguns textos parecem afirmar a salvação dos demônios e dos condenados, outros vão em sentido contrário e a carta aos amigos de Alexandria a nega expressamente.

Orígenes, um homem tão apaixonado por Deus e pelo conhecimento do divino, não vai a Deus mediante um sistema, mas por todos os meios intelectuais ou místicos, que estão a sua disposição. No século XX, a espiritualidade de Orígenes é redescoberta e a compreensão de sua exegese é obra de H. De Lubac, sua personalidade reencontrou suas dimensões essenciais. Atualmente, Orígenes é entre os escritores eclesiásticos da antiguidade o mais lido depois de Agostinho.

### 3. A ECLESIOLOGIA DE ORÍGENES

#### 3.1 – A Igreja e seu Mistério

Na história da Igreja Antiga, já encontramos elementos institucionais e estruturais da Igreja. Não encontramos um estudo sistemático, mas afirmações fragmentadas. “Por isso, o testemunho mais rico da teologia implícita sobre a Igreja se encontra na sua história, que nos descreve como viviam os cristãos” (GONZÁLEZ, 2001, p. 108).

A nossa reflexão sobre a eclesiologia de Orígenes pode partir da seguinte pergunta: desde quando existe a Igreja? Os elementos mais característicos e contestados do pensamento origeniano aparecem também em sua eclesiologia e, principalmente, se a sua reflexão sai do horizonte do tempo histórico. Segundo Orígenes, não devemos crer que se fale da esposa de Cristo, a Igreja, somente em referência ao tempo da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo na carne, mas já se fala da mesma desde o começo da criação do gênero humano.

A busca pela origem da Igreja também pode ser feita seguindo os passos do Apóstolo Paulo. A origem desse “mistério” é muito antes da criação do mundo, preleciona o Apóstolo, porque afirma, em Ef 1,4, que nós fomos escolhidos por Cristo, antes da criação do mundo, para sermos santos.

Quando se fala da Igreja e seu “mistério”, temos que procurar entender o sentido do termo “mistério” como nos apresenta São Paulo. Não se pode reduzir “mistério” somente a uma verdade oculta e obscura ao espírito. O “mistério” pode ser entendido como um acontecimento que realiza o poder de Deus e que Deus revela principalmente cumprindo-o. Este acontecimento alcança os homens e solicita a sua ação. O “mistério” é Cristo entre nós, acontecimento infinito do qual a Igreja é o rosto.

A Igreja não é somente a assembléia humana e objeto de experiência histórica; a Igreja é “mistério” de fé, verdade que nós não podemos descobrir se não tivermos a intervenção da revelação sobrenatural. A Igreja não se explica simplesmente recorrendo a intenções e ações da história, senão como acontecimento que transcende absolutamente toda ordem natural e histórica. O princípio da Igreja é um “mistério” sobrenatural que pode ser apresentado sob dois aspectos: por um lado, a origem da Igreja está fora do tempo oculto em Deus. É o pensamento eterno segundo qual o Senhor do tempo decide escrever a história dos homens e a conduzir a seu término por meio de Jesus Cristo e sua Igreja. Por outro lado, o “mistério” da Igreja desce ao tempo, ainda antes que a Igreja apareça sensivelmente na história humana. Deus dirige a história em previsão da Igreja que nascerá.

A Igreja está fundada não somente sobre os Apóstolos, mas também sobre os Profetas. Ela já existe antes da queda e antes da constituição do mundo e, no tempo presente, desde o Antigo Testamento. A Igreja é, para Orígenes, a congregação do povo cristão, dos santos e o corpo inteiro de Cristo. Os membros deste corpo são os fiéis; e todo corpo é movido para o cumprimento de seus deveres pelo Filho de Deus. A Igreja é única por ser reflexo da Trindade e por conservar a doutrina de Cristo pregada pelos Apóstolos. Partindo da reflexão sobre a Trindade, que é una, e formada pelo Pai, Filho e Espírito Santo, que voltam um ao outro e mutuamente se integram, Orígenes afirma que a Igreja total vive na alma de cada cristão, como se o mesmo fosse um microcosmo onde está refletida toda a Igreja.

Quanto aos hereges e às heresias que surgiram na época de Orígenes, este os define como um grande mal para toda a Igreja, afirmando que os mesmos não ajudam na construção da Igreja, mas eles em seus caminhos constroem casa para a meretriz, ou seja, a falsidade e a mentira. A exemplo da Divina Providência, que consegue tirar coisas boas das ruínas, Orígenes consegue ver e tirar proveito das heresias para a Igreja.

A doutrina da Igreja era simples; e se não tivesse sido atacada pelos ensinamentos dos hereges, nossa fé jamais haveria chegado a aclarar-se e nem

fundar-se profundamente. Como poderia alguém dar-se conta de que a luz é boa senão por causa da escuridão da noite? A doutrina católica é impugnada pelas contradições de seus oponentes, a fim de que nossa fé não descanse ociosa, mas que se reforce com o exercício. (GONZÁLEZ, 2001, p. 108)

Orígenes compara a Igreja com o Estado colocando uma grande distinção entre ambos, já que para ele a Igreja é a cidade de Deus e é universal, enquanto que o Estado é um território reduzido. A superioridade da Cidade Celeste, em relação ao Estado, é também pelo fato de que a alma da mesma é o Verbo e por isso, cedo ou tarde, deverá prevalecer sobre qualquer poder temporal. “A Cidade Celeste é o lugar de onde Deus opera a graça, de tal maneira que fora da Igreja nada se salva, porque só Ela conserva a doutrina e os meios de salvação que Jesus Cristo ganhou para nós com o seu sangue.” (GONZÁLEZ, 2001, p. 108).

Ao referir-se à hierarquia eclesiástica, Orígenes reconhece que a mesma é formada por homens com suas limitações, mas isso não os impede de buscar a perfeição. Orígenes adverte que o pecador deve buscar o conselho de uma pessoa perfeita na medida do possível e que um bispo, em estado de pecado, ligaria e desligaria em vão, pois não estaria seguro de que o seu juízo corresponda ao do céu. Alguns autores afirmam que nesta expressão de Orígenes não encontramos donatismo, mas, sim, uma clara convicção de que o discernimento é fruto de uma vida virtuosa. “A Igreja é a comunidade daqueles que se esforçam por uma sempre e mais profunda compreensão da revelação e por uma recíproca participação e comum realização [...]. A Igreja não é pecadora, quem cai em pecado cessa de pertencer a Ela.” (BERARDINO, 2002. p. 439).

### 3.2 – A Igreja da Preexistência.

Henri Crouzel apresenta a eclesiologia de Orígenes a partir de três características: a Igreja da preexistência e da queda, Igreja do tempo presente e Igreja do tempo futuro.

Para falarmos da Igreja na preexistência, é necessário nos situarmos no contexto histórico em que se desenvolve a teologia de Orígenes, a fim de compreender o seu sentido teológico. É necessário voltar ao passado não para julgá-lo, mas torná-lo compreensível. A teoria da preexistência é para Orígenes uma hipótese, conforme a linha constante da sua teologia, quando esta não se apóia diretamente nas Escrituras. A preexistência, como afirma alguns teóricos, pode ter raízes platônicas, mas esse termo, na teologia de Orígenes, não segue as mesmas razões encontradas em Platão.

As razões que levaram Orígenes a utilizar o termo preexistência são cristãs. Ele tenta dar uma resposta à origem da alma como era apresentada em seu tempo, pois quando a regra de fé e a pregação apostólica não continham nada sobre o tema, tal hipótese sobre a preexistência não poderia ser taxada como heresia, já que Orígenes apenas disse o que lhe parecia melhor. No entender de Orígenes, a hipótese sobre a preexistência tinha a possibilidade de proporcionar um argumento contra a objeção mais difícil que os marcionitas colocavam contra a bondade de Deus Criador.

Para Orígenes, o essencial da criação divina é formado pelos seres racionais. Já as criaturas irracionais foram criadas por Deus, num segundo momento, ou seja, depois do pecado dos primeiros. E acrescenta que a criação dos anjos e demônios se confunde com a dos homens. A diferença consiste somente na profundidade da queda original.

“Todas as criaturas racionais que se tornaram mais tarde anjos, homens e demônios foram criadas juntas e absolutamente iguais, estavam absortas na contemplação de Deus e formavam a Igreja da preexistência, unida como esposa ao esposo.” (CROUZEL, op. cit., p. 289).

Orígenes fala da existência da Igreja anterior a criação das criaturas irracionais, ou seja, antes da queda. O pecado para Orígenes consiste em um ato de idolatria, que é colocar o sensível no lugar de Deus, bem como em um adultério, conforme o tema do matrimônio

místico. Na sua hipótese sobre a queda original, Orígenes se diferencia dos valentinianos, pois a queda é, para Orígenes, obra das criaturas racionais e não o resultado de um drama ocorrido num mundo transcendente e que uma das conseqüências teria sido a criação dos seres humanos, como afirma os valentinianos.

O postulado de Orígenes que o fim será igual ao início afirma que o fim consistirá na submissão de todos a Deus. E é a partir do fim que Orígenes tenta compreender o começo. Essa semelhança entre fim e começo não pode ser entendida de forma estrita, como uma identidade e igualdade. Começo e fim são semelhantes em Orígenes enquanto submissão de tudo a Deus e isso não exclui a possibilidade de um progresso entre começo e fim.

As razões da queda são indicadas por Orígenes como descuido e inércia da criatura, que, ao invés de prosseguir na imitação e na participação de Deus, decai nesta tensão e realiza um movimento em sentido contrário na direção ao mal.

Deus criou as criaturas iguais e livres, porém são intrinsecamente mutáveis, enquanto possuem o ser só por participação, a fim de que conservem por vontade própria o bem recebido gratuitamente, porém a inércia e negligência para conservar o bem e o descuido das coisas melhores iniciaram o afastamento do bem. E o afastamento do bem não é outra coisa que cair no mal, porque o mal é ausência de bem. (CASTAGNO, 2003. p. 742)

A Igreja segundo Orígenes é co-extensiva à história dos seres racionais. E a unidade destes, constituía a Igreja da preexistência unida a Cristo em sua humanidade preexistente, como a esposa ao esposo. O lugar da Igreja preexistente é frequentemente denominado por Orígenes de Jerusalém Celeste ou mundo superior, que às vezes parece se confundir com o seio do Pai. A queda pré-cósmica rompe a unidade, os anjos ficam no seio do Pai formando a porção celestial da Igreja que, como afirma Orígenes, é o lugar para onde irão os justos ainda antes da ressurreição. E o restante da Igreja aqui na Terra se fez pequeno por causa do pecado e a mesma vai se reconstituindo bem ou mal, a exemplo do antigo Israel, ela não possui o esposo por completo e esse tempo é como tempo de noivado.



A razão da Igreja é Ele, o Senhor, que é o esposo e deixou o Pai junto ao qual se encontrava quando existia na forma de Deus; deixou também sua mãe, já que Ele também era Filho da Jerusalém do alto. Jesus Cristo se uniu a sua esposa decaída aqui na Terra e se tornaram dois em uma mesma carne. (CROUZEL, op. cit., p. 308)

Orígenes comentando Jr 12,7 vê nessas profecias a encarnação de Jesus Cristo. O texto de Jeremias fala de alguém que deixou a sua casa, a sua herança e se entregou nas mãos dos inimigos. Para Orígenes, a sinagoga, que é a Igreja de então, afasta Cristo pela traição com o amante adúltero, o diabo, e O mata. E os judeus, no seio da Igreja, são substituídos pelos pagãos. E a partir do comentário à 1Cor 13,12, Orígenes fala que a Igreja já possui o esposo de forma parcial e suspira por uma união face a face, por um matrimônio definitivo que só acontecerá no fim dos tempos.

Os traços temporais da eclesiologia origeniana estão em estreita relação com a questão dos dois testamentos e a passagem da lei para o Evangelho. Na sua eclesiologia temporal, Orígenes fala de uma continuidade que está no desígnio unitário de Deus, agindo no tempo segundo uma gradualidade, a qual ele põe em paralelo com o progresso espiritual da pessoa, mais do que com a evolução histórica. Existe uma descontinuidade representada pelo salto, por meio da vinda de Cristo, da passagem da letra ao espírito, do culto visível ao espiritual, do Israel segundo a carne ao Israel chamado a fé, que se fez Igreja. Desde a recusa de Israel a crer na pregação apostólica, Orígenes diz que a Igreja é fundamentalmente uma Igreja das nações e a partir dessa concepção Igreja das nações, Orígenes desenvolve a teologia dos dois povos: o primeiro povo carnal e o segundo, o novo. De acordo com Orígenes, esses dois povos encontram-se no ventre de Rebeca (Gn 25,23). Representada por Jacó, o menor, que supera Esaú, o maior, aí está a Igreja, que supera a sinagoga.

### 3.3 – A Igreja Visível

Segundo alguns estudiosos, como J. Chênouvert, Orígenes dedicou-se não somente à Igreja em seu aspecto espiritual, mas também, sobre a Igreja visível e ele oferece bastantes informações em suas obras. É tanto que, dos sete sacramentos definidos pela teologia medieval, encontramos a doutrina de cinco desses sacramentos na teologia de Orígenes, que são: batismo, eucaristia, penitência, matrimônio e ordem.

Falando do sacramento da ordem, precisamente do sacerdote, Orígenes toma como modelo o sacerdócio levítico, que para ele tem uma gama de significados que se enriquecem reciprocamente: o sacerdócio de Cristo, o sacerdócio visível e ministerial da Igreja, sacerdócio dos fieis e sacerdócio invisível da perfeição, etc.

Sobre o sacerdócio dos fieis, encontramos uma citação de forma bem mais precisa no final da obra “Orígenes contra Celso”. “Enquanto outros combatem como soldados, eles [os cristãos] combatem como sacerdotes e servos de Deus, conservam pura sua mão direita [...]” (ORÍGENES, 2004. p. 681). A hierarquia em Orígenes está representada pelos Bispos, Presbíteros e Diáconos. Em suas homilias, ele era severo com os defeitos do clero, já que este não correspondia ao ideal de santidade muito exigente, que deveria ser o de cada um. Para Orígenes, a hierarquia visível é a imagem da hierarquia de santidade e, por conseguinte, teria de participar da mesma. As exigências formadas por Orígenes para a vida do clero eram quase monásticas: separação do mundo, pobreza e consagração total a Deus.

O santuário não se busca em um lugar, senão nos atos da vida, nos costumes. Se são segundo Deus, se se realizam segundo seu preceito, pouco importa que estás em tua casa, ou no foro, nem sequer no teatro: Se serve ao Verbo de Deus, tu estás no Santuário, não duvides. (CROUZEL, op. cit., p. 319).

Quanto à situação matrimonial dos membros do clero, Orígenes e seus contemporâneos têm como única lei comprovada o que está escrito em 1Tm 3,2.12 e Tt 1,6 “o

bispo e o sacerdote devem ser o homem de uma só mulher”. O bispo e o presbítero tinham o direito de serem sustentados pela contribuição dos fiéis, a fim de se dedicarem integralmente as suas tarefas.

O batismo da Igreja, como os demais sacramentos, está situado por Orígenes numa série de simbolismo correspondente a tríplice distinção entre o Antigo Testamento sombra, o Evangelho temporal imagem e o Evangelho eterno realidade. Para Orígenes, a principal manifestação do batismo do Antigo Testamento foi o de João, que não se pode confundir com o de Jesus, administrado no Espírito e no fogo. O batismo de João estava voltado para as realidades antigas e o batismo de Jesus, embora sendo sensível, estava voltado à realidade das quais Ele participa; é um batismo do Espírito e de fogo. Orígenes vê o batismo como uma configuração à ressurreição de Cristo. O batismo era, para ele, uma primeira ressurreição.

Sobre o sacramento da Eucaristia, Orígenes recorre à explicação exegética de alguns textos eucarísticos do Novo Testamento, afirmando que o significado desses textos é, num primeiro momento, alegórico e, depois, realização e profecia do “mistério”. O pão e o vinho são corpo e sangue de Cristo e remetem a uma verdade mais divina: o Verbo. Orígenes faz a relação entre o Pão-Corpo de Cristo e o Verbo-Palavra dizendo que é a mesma que existe entre a carne de Cristo e a sua divindade. Por mais fundamental que seja, para o cristão, a humanidade de Cristo, ela nos remete de todos os modos à divindade do Verbo, que nos dá a conhecer o Pai.

As expressões “corpo típico” e “simbólico” – usado por Orígenes em sua concepção de evangelho temporal – e, às vezes, “mistério” e “imagem” são afirmações da presença real de Cristo, mistério sob o véu do sinal de pão e vinho.

No comentário do Evangelho de Mateus, Orígenes apresenta uma grande exposição sobre a Eucaristia e alguns teólogos apontam desacertos em suas expressões sobre a Eucaristia, mas seria uma falta de sentido histórico ser severo com o que é um dos primeiros

tratados de reflexão sobre este sacramento. Orígenes afirmava que quem recebesse indignamente a Eucaristia entrava num estado de debilidade e de morte espiritual. Se a alma se encontrava em condições dignas, a Eucaristia lhe aumentava a faculdade contemplativa, ver o que é útil, ou seja, os mistérios.

Na eclesiologia origeniana,

o vínculo entre Eucaristia e Igreja é expressado várias vezes. Certamente o pão eucarístico e a Igreja são ambos corpo de Cristo, ligados por sua relação ao Corpo físico do Senhor, pois se o corpo eucarístico é figura do corpo físico, no sentido realista que Orígenes dá ao tipo e ao simbólico, o corpo físico é também figura da Igreja, o verdadeiro e mais perfeito corpo de Cristo. (ORÍGENES, 2004. p. 321)

Em uma de suas homilias, Orígenes enumera sete modos de obter a remissão ou perdão dos pecados. O batismo e o martírio são chamados de a remissão dos pecados, enquanto que outros quatro, referente a boas obras, cobrem o pecado e cada uma dessas boas obras tem fundamentação no Novo Testamento. São elas: a esmola, o perdão das ofensas, a conversão de um irmão pecador e a caridade superabundante. Nenhuma dessas corresponde, para Orígenes, ao que nós chamamos hoje de penitência sacramental. Orígenes apresenta uma sétima forma para remissão dos pecados mediante a penitência, isso quando o pecador rega sua cama com lágrimas e suas lágrimas é, para ele, seu pão noite e dia e não deixa de confessar seus pecados para um sacerdote.

O batizado não pode receber de novo a remissão do batismo, ao menos que padeça o martírio. Só pode cobrir suas faltas mediante a penitência ou, ao menos, por diversas boas obras, opondo seus atos virtuosos ao pecado cometido anteriormente. Os pecados cometidos depois do batismo devem ser expiados, a expiação é o sinal de uma verdadeira conversão; a única que torna possível a recepção do perdão. (ORÍGENES, 2004. p. 324)

Orígenes fala de dois tipos de pecado: os mortais e os não mortais. Os mortais fazem do cristão um membro morto, excluído do reino, mas que pode ser chamado à vida novamente por meio da penitência. O pecador ficava excluído da comunhão com a Igreja e

todos os pecados deveriam ser submetidos à disciplina da Igreja. Os pecados não mortais não destroem a graça e nem excluem o cristão da Igreja.

Quanto ao sacramento do matrimônio, Orígenes, seguindo a teologia paulina, afirmava a igualdade absoluta entre os esposos e os direitos fundamentais dos matrimônios; esta igualdade não impede que o homem continue sendo o chefe da família. Orígenes é contrário à união de crentes e não-crentes, fundamentando-se em 2Cor 6,14 “não formeis parilha díspar com os incrédulos, pois que associação pode haver entre a justiça e a impiedade? Que união entre a luz e as trevas?”. Nesse caso, Orígenes não vê um verdadeiro matrimônio, cujo autor seja Deus, pois falta o acordo que vem do Senhor. Orígenes também é contrário a um novo matrimônio depois do divórcio.

Na interpretação de Dt 24,1-4, a passagem em que Moisés permite carta de divórcio partindo da dureza do coração de seus compatriotas, na sua explicação alegórica Orígenes diz que essa passagem foi cumprida espiritualmente por Cristo. Tudo que é jurídico cerimonial no Antigo Testamento, já não tem valor no plano literal para os cristãos. Orígenes mostra Cristo repudiando a sinagoga pelo crime cometido contra Ele e desposando-se com a Igreja, procedente das nações.

O cristão casado que vive de forma cristã o seu matrimônio é, de algum modo, um liberto do Senhor, porque vive na oração à imitação da união de Cristo com a Igreja. Para Orígenes, o matrimônio é ocasião da única libertação que é dada de forma sinônima pela liberdade cristã. O matrimônio é um caminho penoso de perfeição e, por isso, a graça do sacramento é necessária.

### 3.4 – A Igreja da Apocatástase.

Um dos pontos da teologia origeniana mais atacados, juntamente com a preexistência, é a sua doutrina escatológica, ou seja, o que se refere à Igreja do tempo futuro.

E, como sempre, Orígenes é atacado injustamente, sobretudo no que diz respeito à ressurreição e à famosa apocatástase, ou seja, ressurreição final. Não existe uma leitura completa das obras de Orígenes por parte de seus inimigos no tocante às questões criticadas. Eles não procuravam entender o que as outras obras de Orígenes apresentavam sobre os chamados assuntos controversos (preexistência e apocatástase). Fixavam sua atenção nos pontos das obras que apresentavam certas debilidades. Henri Crouzel ao falar sobre a Igreja do tempo futuro em Orígenes apresenta algumas características que envolvem este tema, como morte e imortalidade, morte e ressurreição dos homens e, por fim, a apocatástase.

Uma doutrina bastante freqüente na teologia origeniana é a dos três tipos de morte: morte ao pecado, que é boa; morte de pecado, que é má; e, a morte indiferente, não é boa nem má em si mesma, que é chamada por ele de morte física e comum.

A morte do pecado é oposta à vida divina [...] a morte ao pecado consiste essencialmente na conformação a morte de Cristo que acompanha a conformação a Sua ressurreição, enquanto a morte indiferente, esta é uma morte inevitável para todos aqueles que estão compostos de corpo e alma.” (ORÍGENES, 2004. p. 330)

Segundo Orígenes, a verdadeira morte é a morte da alma pertencente à ordem sobrenatural e misteriosa; a morte física, que é de ordem natural, é sua sombra. A morte é a privação da vida do corpo e não da vida da alma e, foi depois da queda, que o corpo da preexistência passou de uma qualidade celeste incorruptível e imortal a uma qualidade terrestre corruptível e mortal, mudança representada nas túnicas de pele que Deus vestiu nossos primeiros pais.

Para Orígenes, a condição terrena em si mesmo não é pecado, porque foi criada por Deus, mas está ligada ao pecado, já que a criação seguiu a queda. A relação entre morte física de Cristo e a nossa morte ao pecado consiste que morte física, vista como castigo do pecado, ganha um valor redentor graças ao sacrifício de Cristo. A morte de Cristo é o princípio da morte ao pecado, que recebem todos aqueles que são batizados em sua morte e que

mortificam seus membros terrenos. Falando desta relação de morte física à morte de Cristo, Orígenes afirma que a morte física só atinge a natureza humana de Cristo, que está unida à divina. A diferença que ele também cita sobre a morte de Cristo e do homem é que Cristo assumiu a morte livremente para o bem de seus amigos.

O mártir é, para Orígenes, o mais perfeito imitador de Cristo em sua morte e, por isso mesmo, em sua ressurreição, o mártir obtém não só a remissão dos pecados, mas também a dos demais cristãos.

Sobre a imortalidade da alma, Orígenes afirma:

Se a alma fosse mortal e corruptível não poderia receber a imortalidade e a incorruptibilidade, para possui-las há de tê-las em sua substância mesma, que é simples e não composta de substâncias e qualidades. Pelo contrário, o corpo mortal é corruptível aqui na Terra, mas pode ser revestido de imortalidade e incorruptibilidade” (ORÍGENES, 2004. p. 336).

Orígenes chama a alma de veste do corpo, pois na ressurreição ela o vestirá das qualidades de imortalidade e incorruptibilidade, pertencentes à natureza da alma. E, diz, também, que Cristo é a veste da alma, revestindo-a de imortalidade da graça e suprimindo, assim, a morte do pecado. Para Orígenes, a impecabilidade na Terra só existe de maneira progressiva. Quem se aproxima de Deus participa da sua imutabilidade. E, falando sobre o destino dos que morreram antes de Cristo, afirma que todos iam ou desciam para o hades; esse lugar correspondia ao que hoje chamamos de inferno, tendo uma diferença que tanto o justo como o injusto iam para o hades. Os justos da nova aliança não descem mais para o hades, mas vão diretamente ao paraíso antes da ressurreição, Orígenes busca fundamentação para essa sua afirmação na resposta que Jesus dá ao bom ladrão. Ele é o primeiro escritor eclesiástico, que abriu o paraíso aos justos logo depois da morte, afirmando que a alma quando abandona esse mundo recebe a recompensa de acordo com seus méritos. Orígenes repete com frequência que nossos atos deixam suas marcas em nossa alma e que no dia do juízo esses sinais serão

desvelados e poderemos lê-los. O pecador, ao ver sobre si as marcas de todas as suas más ações, padecerá da acusação de sua consciência e seus remorsos constituirão o fogo do seu castigo.

Orígenes fala que a alma tem como atividade principal a contemplação das obras de Deus; e depois a contemplação e compreensão de Deus é alimento essencial das criaturas racionais.

Na teologia Origeniana encontramos elementos sobre a comunhão dos santos idênticos aos que encontramos na *Lumen Gentium* cap. VII. “A Igreja só se consumará na glória celeste quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas”. Orígenes para fundamentar sua doutrina sobre a intercessão dos santos diante de Deus, cita exemplos desde o Antigo Testamento, como o do defunto Samuel que profetiza para Saul e o texto de 2 Mac 15, 14-16. Estes dois exemplos são citados por Orígenes para mostrar que os Santos no céu não estão ociosos, mas cheios de caridade por seus irmãos que estão no mundo e os ajudam com suas orações.

Outros textos irão apresentar a intervenção dos mártires em favor dos homens.

Os anjos assistem visivelmente nas Igrejas à assembléia dos fiéis, de modo que quando estes estão reunidos, uma dupla Igreja está presente: a angélica e a humana. As almas dos defuntos também estão ali... Orígenes ao considerar Cristo no seu corpo total não teme dizer que a alegria de Cristo e de seus santos só será completa quando todo corpo fora construído na Jerusalém celeste. (ORÍGENES, 2004. p.365).

Orígenes fala da solidariedade que une Cristo a todos os membros do seu corpo. E, assim, defende que existem duas ressurreições. A primeira acontece com o batismo, ou seja, o recebimento de uma nova vida, a cristã, tratando-se de uma ressurreição ainda imperfeita, em transformação. Já a segunda é a ressurreição total pela qual nos encontraremos face a face com Deus. A concepção de Orígenes sobre o corpo ressuscitado tem a sua fundamentação na afirmação da primeira carta de São Paulo aos Cor 15, 12-58, dando destaque aos versículos 35-44, onde encontramos a comparação da semente com a planta. E esta comparação mostra que



existe entre o corpo terreno e o corpo glorioso uma continuidade, não obstante a diferença. A planta, embora sendo diferente da semente, é continuidade da mesma. O corpo glorioso é diferente do terreno, mas é da mesma forma continuidade deste. A substância permanece a mesma, o que muda é a qualidade, que de terrenal torna-se celeste. A opinião de Orígenes sobre a identidade e alteridade do corpo terreno e do corpo ressuscitado constitui mais uma expressão do mistério do que uma explicação. Quanto à semente, para Paulo representa o corpo terreno e a planta, o corpo glorioso, que logo brota da morte na terra.

Quanto à apocatástase, o texto base de Orígenes é 1Cor 15, 23-28, onde Paulo fala da submissão de todas as coisas a Deus. O vocábulo apocatástase significa restauração, restabelecimento. É a doutrina da restauração de todas as coisas no fim dos tempos, doutrina atribuída a Orígenes e a Gregório de Nissa.

São várias as questões levantadas sobre o que Orígenes fala a respeito da apocatástase. Há quem acuse Orígenes de panteísmo, pois a união dos bem-aventurados com Deus aconteceria por meio da dissolução da substância dos mesmos. Quanto aos corpos ressuscitados, Orígenes fala que não mais conhecerão a morte e que a participação dos bem-aventurados com Deus acontecerá por meio do Filho. Ele afirma com toda clareza que a união com Deus não suprime a pessoa humana e nem as angélicas, ao contrário mostra que a bem-aventurança é obra do Logos divino e ela é recebida e aceita pela liberdade humana. “Nós afirmamos que um dia o Logos dominará toda a natureza racional e transformará cada alma em sua própria perfeição e no momento em que cada indivíduo, usando simplesmente a sua liberdade, escolherá o que quer o Logos e obterá o estado que escolheu”. (ORÍGENES, 2004. p. 368). Em Orígenes, a liberdade do homem é um elemento essencial do caminho que conduz a apocatástase.

A apocatástase, como universal no sentido do retorno dos condenados e do demônio à Graça, gera uma grande confusão da teologia origeniana. No que diz respeito à

salvação do demônio, encontra-se referências não muito claras na sua obra “O tratado dos princípios”, em que em diz que o último inimigo destruído será a morte, e a morte em Orígenes, às vezes, é identificada com o pecado ou com o diabo. Para Henry Crouzel, essa destruição não consiste na destruição da substância, mas na vontade inimiga do demônio em relação a Deus que se converterá.

Orígenes, em sua carta aos amigos de Alexandria, queixa-se de terem lhe atribuído de que o diabo se salvará. E o que ele escreveu sobre a apocatástase é apenas o início de uma teologia de busca e que foi tomada por muitos como uma afirmação categórica.

Quando Orígenes refere-se ao castigo do fogo eterno, deixa entender que é um castigo muito mais para os demônios do que para os homens. Alguns de seus textos afirmam a universalidade da apocatástase, mas numerosos são também os outros que vão em outra direção. “Uma certeza sobre apocatástase universal estaria em contradição com o livre arbítrio com que Deus dotou o homem defendido por Orígenes em relação à sorte final de cada um.” (ORÍGENES, 2004. p. 372). A base dessa grande esperança (apocatástase universal) encontra-se certamente na fé de Orígenes, na bondade de Deus criador do Antigo Testamento e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Defende-se, assim, a visão de um único Deus até chegando à hipótese da preexistência para tirar de Deus a responsabilidade que os hereges lhe davam sobre a condição de desigualdade em que nasciam os homens. Orígenes vê os castigos divinos como medicinais e misericordiosos, para emenda e conversão dos que são castigados. Ele conservava a esperança, em que a palavra de Deus chegará a ter tanta força de persuasão sem violar o livre arbítrio chegando a vencer todas as resistências.

Os que estudam de forma séria a doutrina de Orígenes percebem que não se deve estudá-la dando ênfase a alguns pontos em detrimento de outros. O melhor que se pode fazer é mostrar os diferentes pontos de vista do autor, presente na sua doutrina. Quando a doutrina trata de Deus e das realidades divinas, todo sistema revela deficiência.

De forma mais compreensível, podemos destacar algumas características da escatologia de Orígenes: a bem-aventurança, a ressurreição da carne e a Igreja corpo de Cristo na sua restauração final. Sobre a bem-aventurança, Orígenes começa falando sobre as criaturas que não são santas em virtude do próprio ser, mas podem tornar-se santas por participação no Espírito Santo. Essas criaturas recebem sua existência de Deus-Pai, sua racionalidade do Verbo e sua santidade do Espírito Santo e, santificados pelo Espírito Santo, tornam-se capazes de receber a Cristo. Orígenes apresenta a santidade ou bem-aventurança como estágios ou avanços na participação da Graça do Espírito, até a remoção de todas as manchas que, chegando à perfeição, receberá de Deus a virtude de existir para sempre e de permanecer eternamente.

Conforme já mencionado, Orígenes, para falar da ressurreição da carne, usa o texto 1Cor 15, 35ss, em que se percebe a diferença que existe entre o corpo terreno e o ressuscitado; e Paulo ilustra sua afirmação com o exemplo da semente jogada na terra e a árvore que brota da mesma e das sementes semeadas nascem plantas diferentes (1Cor 15,42). Com esse exemplo, Orígenes afirma que Deus dá um corpo diferente para cada um de acordo com seus méritos.

No comentário de Orígenes sobre Jo. 2, 19 (destruí esse templo e em três dias o reerguerei), ele vê no templo e no corpo de Jesus imagens da Igreja, que está edificada com pedras vivas, para ser um edifício espiritual para um sacerdócio santo. E, assim como corpo sensível de Jesus foi crucificado e sepultado e logo ressuscitou, assim também o corpo de Cristo, formado por todos os santos, tem sido continuamente crucificado com Ele. E como o apóstolo Paulo, Orígenes diz que eles – os santos – só se gloriam na cruz do Senhor.

Orígenes fala que a ressurreição é um grande mistério de difícil contemplação pelo homem, mas o mesmo é afirmado várias vezes em muitos lugares das Sagradas Escrituras. Dando destaque a profecia de Ez 37,1ss e interpretando as mesmas, Orígenes afirma que chegará o tempo da verdadeira ressurreição e os membros do corpo de Cristo, que agora são

ossos secos, serão reunidos e formarão um só corpo, embora sejam muitos membros, mas constituirão o perfeito corpo de Cristo.

Falando da Igreja numa perspectiva escatológica, Orígenes chama a mesma de Jerusalém celeste, ou seja, a Igreja é definida por Orígenes como Jerusalém celeste somente do ponto de vista escatológico, pois a Ela, segundo o mesmo, ninguém da Terra pode pertencer; a pertença da Igreja exige um elevar-se acima do sensível, porque Ela é a cidade e a casa do alto. E, interpretando Ez 28, 13, fala que as pedras preciosas que adornam a cidade são as virtudes e com as quais, sobre o fundamento, Jesus Cristo constrói a comunidade dos crentes com material precioso.

A eclesiologia de Orígenes, em suas linhas gerais, pode ser encontrada nas posteriores reflexões no decorrer da história da Igreja. Existem elementos que se tornam bem atuais na constituição dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*. De todos os traços que já foram apresentados da eclesiologia origeniana, daremos destaque à categoria “mistério”, por ser bem significativo tanto no contexto da teologia de Orígenes, como nas reflexões contemporâneas sobre a Igreja.

A categoria “mistério” fala do que é a Igreja em si mesma, envolvendo todas as outras categorias e sendo estas manifestações daquela. A Igreja como “mistério” é sempre apresentada por grandes teólogos (Henri de Lubac, Philips) nos seus comentários sobre o Vaticano II e, especificamente, sobre a *Lumen Gentium*.

As afirmações sobre o “mistério” da Igreja, que encontramos na *Lumen Gentium*, têm como finalidade mostrar a todos as origens eternas e o fundamento último do “mistério” da Igreja, assim melhor compreenderemos o sentido da missão divina e sobrenatural da Igreja no mundo.

A categoria “mistério” quer designar uma realidade divina transcendente e salvífica, que se revela e se manifesta de alguma maneira visível. Na sua parte visível, a Igreja

esconde e revela sua realidade invisível. A Igreja, enquanto “mistério” em Orígenes, envolve todas as outras categorias de sua eclesiologia, como: Igreja da Preexistência, Igreja Terrestre e Igreja da Escatologia.

O capítulo I da *Lumen Gentium* é dedicado ao “mistério” da Igreja. Há uma tentativa de compreensão da Igreja-mistério a partir das imagens apresentadas nas Sagradas Escrituras, mas segundo Henri de Lubac, essas imagens são apenas alusões a uma realidade, que, em seu ponto central, continuará sempre indiscernível para a inteligência natural. As imagens e as alusões são sempre suficientes, pois coloca em evidência apenas um ponto do “mistério” e foi comentando essas imagens que a tradição refletiu sobre o “mistério” da Igreja.

O “mistério” está fora do alcance humano por ser diferente de qualquer objeto da ciência. Somos atingidos por ele e sua revelação esclarece a nós mesmos. Sendo que o “mistério” está completamente relacionado a Cristo, a Igreja é “mistério” derivado. A Igreja pode ser compreendida quando a relacionamos com Cristo, ou seja, na sua predestinação em Jesus Cristo e em sua dimensão escatológica. Essa relação Igreja e Cristo é chamada pelos Santos Padres de *mysterium lunae*, a Igreja é a lua que recebe todo o seu brilho de Cristo, sol de justiça. Isto é apenas um exemplo, já que o “mistério” sempre transcende as definições.

O caráter misterioso da Igreja é entendido pelo seu reflexo na nossa inteligência. “A Igreja é de Deus e é dos homens; é visível e invisível, terrestre, histórica e escatológica e eterna [...]. A Igreja ultrapassa misteriosamente os limites de sua própria visibilidade e que, por assim dizer, sempre se ultrapassa a si mesma, em virtude de sua própria essência.” (LUBAC, 1969. p. 42-48).

A ligação da eclesiologia de Orígenes com a *Lumen Gentium* tem também como fundamento o que expressa o Papa Paulo VI no seu discurso de abertura da 3ª. Sessão do Concílio Vaticano II – 1963. Ele afirma que a reforma visada pelo Concílio não é de ruptura com a tradição, mas uma homenagem a tradições, purificando-as naquilo que elas possuem de

defeituoso e caduco para serem reintegradas na sua autenticidade e fecundidade. Neste paralelo que traçamos entre a eclesiologia de Orígenes e a *Lumen Gentium* encontramos também suas reservas. Não podemos pretender um paralelo perfeito entre o que nos apresenta Orígenes e a *Lumen Gentium* sobre o mistério da Igreja.

O movimento pelo qual, depois de tantos séculos, a Igreja conseguiu, por assim dizer, se desdobrar, a fim de poder ver a si mesma e começar a se definir, é um simples resultado da reflexão começada pelos Santos Padres [...]. Se as obras dos Santos Padres não dedicaram nenhum capítulo exclusivamente à Igreja, é porque nelas a Igreja está sempre presente. Para eles, ela era condição, o ambiente e a finalidade de toda vida cristã. Eles a consideravam em relação íntima com todos os mistérios, ou melhor, com todo mistério da fé. (LUBAC, 1969. p. 56-57).

Para Orígenes e também para *Lumen Gentium*, a Igreja é “mistério” de fé e que a inteligência humana jamais o discernirá por completo. Esse “mistério” é dom vindo do alto. A Igreja é o sinal da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

Orígenes comentando João 20,15 afirmava que a maior de todas as desgraças é a de ser separado do “mistério” da Igreja e, quando ele fala da separação, não se refere somente a Igreja invisível.

Quando Orígenes escrevia, no livro quarto do *Periarchon*: ‘devemos apegar à regra da Igreja celeste de Jesus Cristo, segundo a sucessão dos apóstolos’. É claro que para ele a Igreja celeste era exatamente a Igreja que vive sobre a Terra; a Igreja histórica, visível e, mesmo, hierárquica. (LUBAC, 1969. p. 79).

Angel Anton, no seu livro *La Iglesia de Cristo, el Israel de Vieja y de la nueva alianza*, fala que a Igreja é a autocomunicação de Deus à humanidade e que é o sacramento ou instrumento eficaz de salvação no mundo. A Igreja realmente entrou na história humana, mas, em realidade, ela sobrepasa as fronteiras da história e do tempo.

Em uma visão trinitária da história da salvação, o mistério de Cristo se propõe na constituição *Lumen Gentium* e *Dei Verbum* como plenitude da revelação e da Igreja, enquanto comunidade de crentes, que nasce ao ouvir esta Palavra de Deus feita carne e se realiza a serviço da palavra, fazendo-se presente no mundo até sua consumação escatológica” (ANTON, 1977, p. 6-7).

A Igreja no seu “mistério” está unida a Trindade e é sempre apresentada como sacramento, “mistério” de comunhão e salvação.

As reflexões de Orígenes sobre o mistério e suas formas de realização nos vários eventos da economia da salvação inclui naturalmente a visão de Igreja na dimensão de uma realidade manifestativa do mistério do Verbo encarnado e partícipe das graças de santificação que ela recebe do Verbo e transmite sob sua ação aos homens. Nesta união da Igreja com o Verbo supõe Orígenes de forma implícita, a necessidade de sua mediação na ordem da salvação [...]. Por isso, é a Igreja o único caminho que leva ao Céu, a única casa que é lícito comer o Cordeiro Pascal [...]. Sem pretender ler nos escritos origenianos uma noção sistemática da sacramentalidade da Igreja, não parece desacertado afirmar que suas reflexões eclesiológicas situam-se claramente na perspectiva sacramental [...]. Estes breves dados sugerem uma concepção sacramental latente nos escritos origenianos, que partindo do evento central do mistério do Verbo encarnado, inclui a Igreja como sinal e instrumento dos bens da redenção de Cristo, comunicado por Ele aos homens, através da Igreja. ” (ANTON, 1977 p. 773-774).

A *Lumen Gentium* nos apresenta, em seu ponto de partida, a Igreja como realidade prefigurada desde o princípio do mundo e preparada na existência do povo de Israel. O termo “mistério” aqui é entendido no sentido paulino como uma realidade concreta de salvação. O único acesso que temos ao “mistério” da Igreja é aceitá-lo pela fé.

Para Orígenes, o “mistério” é o *logos* não só como subsistente em si mesmo, mas como imagem através da qual a divindade se revela aos homens. As manifestações sensíveis do “mistério” para Orígenes são: a encarnação, a Igreja e a Escritura. Para ele, a virtude reveladora do “mistério” é distinta em cada uma dessas realidades, porém as três contribuem para a revelação e atuação do designo salvífico de Deus. Esta integração mistério-sacramento não está limitada em Orígenes a essas três realidades, mas se completa nos vários sacramentos e por meio dos quais o cristão se assemelha a Cristo.

Para Orígenes, a fonte de toda a sacralidade é o “mistério” de Deus-homem. Este é o modelo para interpretar a sacramentalidade da Igreja e de cada um dos sacramentos.

## 4. A ECLESIOLOGIA DE ORÍGENES NO COMENTÁRIO AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

### 4.1 – O Livro o Cântico dos Cânticos.

Este livro celebra o amor mútuo de um amado e de uma amada, que se juntam e se perdem, procuram-se e se encontram. O ponto de partida do Cântico dos Cânticos é profundamente terreno e humano; é como o desenrolar daquele primeiro e eterno cântico de amor, que brota dos lábios do homem de todos os tempos e de todas as terras, quando encontra sua mulher: “esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2, 25).

O Cântico dos Cânticos alegra-se dos esplendores dos dons de Deus. E, entre esses dons, brilha o amor humano, que dá a vida a toda existência humana. O Cântico também nos convida a viver de forma simples e natural a relação com o corpo e com os sentimentos.

O Cântico dos Cânticos é um superlativo de excelência, e não só celebra o amor de um casal, mas transcreve o simbolismo nupcial em chave teológica seguindo um procedimento já utilizado por Oséias, Jeremias e Ezequiel. A tradição judaica e cristã submeteu o Cântico a uma hermenêutica teológica destinada a parábola do amor dos esposos em uma metáfora do amor de Deus, a seu povo. O judaísmo introduziu o Cântico nos cinco rolos usados nas grandes solenidades litúrgicas, reservando o Cântico dos Cânticos para o dia de Páscoa.

Dentro das peripécias esponsais dos dois protagonistas, vislumbram-se as etapas da história da salvação de Israel: a saída do Egito, a edificação do Templo de Salomão, o primeiro exílio para Babilônia, o retorno do exílio e a reedificação do Templo, a chegada do Messias e a Ressurreição. O Cântico converte-se em epopéia da história da salvação e em epitalamo do diálogo do amor entre Deus e Israel. Este fio condutor também penetra na hermenêutica cristã. A entrada triunfal do Cântico tem lugar, sobretudo, na literatura Patrística e Medieval. Hipólito Romano via a introdução da esposa nas habitações do Rei (Ct 1,4) como o entrar na Igreja depois das bodas batismais com Cristo. Também percebia os dois seios da esposa como o



Antigo e o Novo Testamento. E, ainda, interpretava a colina do incenso (4,6) como o destino do cristão que é exaltado depois de deixar-se crucificar na carne, como Cristo deixou crucificar-se no calvário. Esta leitura livre feita por Hipólito também foi adotada pelos místicos. A interpretação histórico-literal parece ter sido a mais antiga interpretação do Cântico e não a alegórica. A Septuaginta não apresenta nenhum indício de interpretação alegórica. A leitura literal se encontra nas antigas versões latinas e o sentido literal responde melhor ao caráter sapiencial da obra. Já a visão sapiencial coincide com uma época da história de Israel, em que o povo começa a olhar o mundo em “chave moderna”. A natureza e o sexo suscitam interesses por si mesmos, partindo do fundamento de que Deus é o seu Criador.

Tradicionalmente, a autoria do Cântico tem sido atribuída ao Rei Salomão e há no poema evidências internas que apóiam tal atribuição, a começar pelo próprio título, no qual está escrito que se trata do mais belo cântico de Salomão (1,1). Salomão é mencionado explicitamente em várias partes do poema (1,15; 3,7.9.11; 8,11-12). E também é identificado como amante ou como esposo da Sulamita. As claras referências à riqueza, ao luxo e à presença de bens importados (3,6-11) são características do reino de Salomão assim também o é o caráter sapiencial do Cântico com o restante da produção literária atribuída ao monarca, como: Provérbios, Eclesiastes e Sabedoria.

Atribuir ao Rei a autoria do Cântico dignificava o poema, conferia-lhe atributo para figurar na Bíblia e contribuía para o efeito didático que se pretendia tirar de sua interpretação. O fato de que Salomão fora um prolixo autor de cantos (1.005, segundo se lê em 1Rs 4,32) tornava verossímil poder ser, igualmente, o autor do Cântico. Pseudopigrafia não nasceu nem morreu com Salomão. (CAVALCANTE, 2005, p. 24).

Excluindo a autoria Salomônica, nenhuma hipótese razoável existe para sugerir qualquer outro autor. Há exegetas que defendem uma autoria singular do poema e outros que o vêem como uma montagem anônima de diversos textos eruditos, populares e esponsalícios. A

questão da autoria está diretamente relacionada à datação do poema. As teses mais amplamente recolhidas pelos estudiosos hoje põem a composição do Cântico entre o século V e III a.C.

Os judeus e os cristãos tentam responder a grande pergunta que envolve o Cântico: por que ele é considerado Palavra divina endereçada aos homens, se no seu conteúdo não aparece nenhuma referência invocativa a Deus e onde se retrata, com toda intensidade, a atração sexual recíproca entre um homem e uma mulher?

O Rabino Aquiva, condenado a morte por Adriano, afirmava: 'Jamais homem algum em Israel contestou ser o Cântico um livro sagrado. O curso inteiro da história da humanidade não poderia rivalizar o dia em que o Cântico foi dado a Israel. As Escrituras são santas, o Cântico é sacrossanto'. (CLAUDEL, op. cit., p. 37)

Para os doutores da Igreja Católica, o poema teria tido como autor, mais do que inspirador, o próprio Espírito Santo. Reconhecido como livro sagrado – tal reconhecimento pode ter acontecido pela popularidade do Cântico, sendo recitado nas grandes festas litúrgicas do povo judeu –, este se torna objeto de inúmeras interpretações. Só entre os judeus, registram-se cento e trinta e quatro comentários interpretativos ao Cântico, entre os séculos XI e XV e mais de quinhentos, a partir do século XVI. Na literatura católica, o comentário ao Cântico, tornou-se um subgênero da exegese bíblica. Raro é o mosteiro medieval onde não sejam encontrados manuscritos com comentários sobre o livro.

#### 4.2 – Interpretações Alegóricas.

A Escritura é um vasto canteiro de palavras abertas a comparações e vinculações sem nenhum constrangimento ou limite nesse processo. A maneira de subordinar as comparações e vinculações de palavras à equivalência entre posições de discurso constitui a chave hermenêutica para a explicação alegórica. A interpretação alegórica é uma invenção rabínica (70 a.C.) e pode ter surgido com a necessidade de justificar a inclusão do Cântico entre

os livros sagrados, o que exigia uma explicação convincente e isto é possível pela interpretação alegórica, que absorve e apaga os possíveis escândalos que poderiam surgir com a leitura do Cântico. Alguns autores afirmam que referências ao amor humano, em textos do Novo Testamento (Ef 5,25-35), podem ser resultados de uma leitura alegórica do Cântico nos tempos apostólicos. O apelo às virgens é, em 2Cor 11,2, uma imagem isolada em todo o *corpus* das Escrituras dele contemporâneo e é muito anterior ao aparecimento de qualquer comentário cristão sobre o Cântico.

A primeira roupagem alegórica, aplicada ao Cântico dos Cânticos, foi de caráter histórico; uma alegoria do amor divino pelo povo eleito, tal como representada pela história de Israel desde a saída dos hebreus do Egito até a futura chegada do Messias. [...] Resquício dessa interpretação pode ser uso litúrgico do Cântico na leitura ritual por ocasião da Páscoa. (CAVALCANTE, op. cit., p.49).

A Mishnáh vê no Cântico o simbolismo do amor divino pelo povo de Israel, na linha da reconciliação alegórica, presente no profeta Oséias.

A Patrística herdou o método rabínico de interpretação, fundamentando-se na concepção paulina da história como prefiguração do reino de Cristo. As interpretações cristãs acentuam o aspecto coletivo do destinatário da afeição divina – a Igreja de Cristo – e o individual. Neste caso, o Cântico seria uma alegoria do amor divino pela alma individual, numa espécie de epitáfio para as núpcias místicas entre a alma e a divindade. Paulo e os Santos Padres reinterpretaram toda a tradição judaica como uma sucessão de imagens que prognostica com a vida de Cristo. Os Santos Padres não se ocuparam da disputa se o Cântico deveria ou não ser incorporado aos livros da Bíblia, reconhecido como canônico. Aceitaram a tradição hermenêutica dos judeus.

O registro mais antigo que se tem de um comentário cristão de caráter alegórico sobre o Cântico é de Hipólito, no século III. De seus comentários do Cântico dos Cânticos, subsistem os que abrangem até o Capítulo 3,7, restando dos demais apenas fragmentos. Neles,

pela primeira vez de forma articulada, aparece a interpretação tipológica que identifica o pastor do Cântico, o esposo, com o Cristo e a Sulamita, esposa, com a Igreja.

Atanásio (297-373 d.C.) vê no Cântico um epitalamo sobre a união da divindade com a humanidade, no episódio da Redenção, e identifica no poema o diálogo entre o Filho de Deus e os homens.

Gregório de Nissa (335-395) em suas quinze homilias sobre o Cântico retoma as interpretações de Hipólito e de Orígenes. Sua obra tem muito mais amplitude do que a de Orígenes, na discussão filosófica do tema, recorrendo a freqüentes citações dos diálogos platônicos e polemizando contra Aristóteles, no que se refere à doutrina do progresso indefinido da alma. Gregório, no final de suas homilias, dá maior importância à interpretação psicológica e ao tema da união mística da alma com o *logos*.

Santo Ambrósio (340-397 d.C.) não chegou a escrever um comentário específico sobre o Cântico dos Cânticos, mas, ao longo de sua vasta produção literária centrada na interpretação da Bíblia, abordou quase todo o livro do Cântico, seguindo as interpretações deixadas por Hipólito e Orígenes. Em uma de suas obras sobre o salmo 18, fez duzentas e vinte e cinco citações, referindo-se ao Cântico. Para o bispo de Milão, no Cântico encontrava-se o sentido mais íntimo de todos os livros da Bíblia. Ambrósio é o primeiro a apresentar uma versão marial do Cântico, sendo que o personagem central é a representação antecipada de Maria como a amante ideal do mundo.

Santo Agostinho (354-430 d.C.) abordou o Cântico apenas incidentalmente, adotando a interpretação eclesiológica.

São Jerônimo (347-419 d.C.) propôs-se a escrever um comentário sobre o Cântico, mas não chegou a fazê-lo. Nas suas obras exegéticas aparece a interpretação origeniana. Em uma carta endereçada a Eustochium, filha de Paula, ele exorta a mesma a guardar a virgindade, cita o Cântico vinte e sete vezes.

São Gregório Magno (540-604 d.C.), no prefácio dos seus comentários ao Cântico dos Cânticos, inaugura uma justificação para a interpretação alegórica, com sua *Expositio in Canticum Cantorum*, Gregório será o último grande comentador do Cântico da era Patrística.

São Bernardo de Claraval († 1153) trabalhou dezoito anos sobre o Cântico. Escreveu oitenta e seis sermões e, ao morrer, tinha comentado apenas os dois primeiros capítulos. Essa incapacidade ou despreocupação de levar a termo às análises do Cântico parece ser uma nota marcante nas interpretações monásticas. A interpretação de São Bernardo era rigorosamente alegórica, apesar de existir momentos de elevação lírica ao falar do amor entre a alma particular e o Criador. Em seu primeiro sermão sobre o Cântico, comentando o versículo 2: “que me beije com os beijos de sua boca”, nos apresenta uma visão geral do que significa o Cântico para ele:

Com os beijos de sua boca, delicioso poema que se inicia solicitando um beijo. Assim nos cativa esta Escritura só com seu doce semblante e nos provoca a lê-la. Ainda que nos custe muito trabalho penetrar em seus segredos, com eles conseguiremos nosso deleite e que não nos fatigue a dificuldade de aprofundá-los, se já estamos encantados com a suavidade da linguagem. É uma obra composta não pelo engenho humano, mas pelo o do Espírito, de modo que se torna difícil compreendê-la, porém é um prazer analisá-la [...]. Este livro começa com o sinal de paz que é um beijo. São convidados a compreender esta Escritura, que aqui se inicia, só os de *spiritus pacificus*: os que se mantêm livre de toda a agitação viciosa e de preocupações turbulentas. É um cântico que se ensina com a unção e se aprende com a experiência [...]. Não é um som que sai da boca, senão um júbilo do coração; não é uma inflexão dos lábios, senão uma cascata de alegria; não é uma harmonia exultante das vozes, senão, das vontades; não se escuta e nem ressoa em público, só escuta quem a canta e aquele a quem se dedica, ou seja, a esposa e o esposo. É simplesmente um epítalamo que canta os abraços virginais entre os espíritos à união de vidas, o afeto e o amor da mútua identificação. (CLARAVAL, Pág. 39-41).

Em seu sermão LXXXIV sobre o Cântico, São Bernardo explica porque o Espírito Santo é o autor do poema e usa o procedimento alegórico para mostrar os caminhos da conciliação da alma com o amor divino:

Que aqueles que podem compreender essas coisas, compreendam. Nós caminhando com precaução e simplicidade, na exposição da palavra sagrada e mística, seguimos o exemplo da Escritura Sagrada que se serve da nossa linguagem para exprimir a sabedoria escondida nestes mistérios e que para

representar Deus a nossos espíritos, no-lo insinua por suas parencas conhecidas das coisas sensíveis”. (CAVALCANTE, op. cit., p.56).

Ricardo de São Victor († 1173) possui extensos comentários sobre o Cântico dos Cânticos. Ele explica e argumenta a necessidade da leitura alegórica do poema:

Neste livro que recebe o nome de Cântico dos Cânticos encontramos grande profusão de palavras que designam o amor corporal. Todos estão aí para que a alma lembrada de seu corpo, por palavras a que está acostumada, possa inflamar-se de tal modo pelas palavras do amor, do que é inferior, que seja promovida ao amor, do que é superior. Neste livro fala-se de beijos, de seios, de faces, de pernas. Ouvindo tais palavras, porém, não devemos pensar baixamente nas Sagradas Escrituras, mas considerar mais profundamente toda a extensão da misericórdia divina que, assim nomeando os membros do corpo, nos chama ao amor. Devemos notar quão admirável é conosco e quão misericordiosamente opera aquele que para incentivar nosso coração a inflamar-se ao amor sagrado, dignou-se a se humilhar descendo até as palavras do nosso torpe amor. (CAVALCANTE, op. cit., p.56).

São João da Cruz (1542-1592 d.C.), no seu *Cântico espiritual canções entre a alma e o esposo*, coloca uma glosa do tema central do Cântico na interpretação alegórica. Sua tradução do poema é tão sensual, porém sensível que, em muitos aspectos, parecem entrar em choque com os resumos interpretativos que precedem cada capítulo.

Frei Luis de León (1528-1591 d.C.), com seu conhecimento da língua hebraica, compôs uma das mais belas traduções do Cântico dos Cânticos. A tradução de Frei Luis adota estrofação moderna à oitava rima. Embora concebida no espírito alegórico próprio da visão mística do autor e mesmo sendo fiel, no essencial, a exegese do texto está revestida de uma grande sensualidade.

São Francisco de Sales (1567-1622 d.C.) usou abundantemente o Cântico como referência no seu livro *Tratado sobre o amor de Deus*. Na sua interpretação alegórica, a Sulamita é a esposa mística de Deus.

Pio XII faz referência ao Cântico dos Cânticos na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*. Lê-se neste documento que os Santos Padres sentiram-se sempre livres

para utilizar eventos e expressões das Sagradas Escrituras, a fim de explicar sua crença na assunção. Da mesma forma, eles mencionam a esposa do Cântico que sobe do deserto como um pilar de fumo de especiarias aromáticas, mirra e incenso. E isso o fazem com o propósito de representar a rainha e esposa celeste, ascendida à Corte Celeste com seu divino esposo.

O Papa João Paulo II tomou o Cântico dos Cânticos como tema da série de três discursos pronunciados durante as audiências gerais das quartas-feiras, nos dias 22 e 29 de maio e 05 de junho de 1989. Em sua catequese sobre o Cântico, ele fala da linguagem do corpo, presente no poema, do masculino e feminino como linguagem objetiva do corpo e da verdade do amor, que impõe a releitura da linguagem do corpo na verdade, sempre tendo como fundamento o Cântico. Vejamos como é belíssima a interpretação que o Papa dá ao Cântico, chamando-o de livro todo especial do Antigo Testamento e referindo-se ao poema sem qualquer analogia:

O tema do amor sponsal, neste singular poema bíblico, situa-se fora daquela grande analogia (amor de Deus por Israel ou o amor de Cristo pela Igreja). O amor do esposo e da esposa no Cântico dos Cânticos é um tema especial e nisto está a singularidade e a originalidade deste livro. (PAULO II, João, 2005, p. 444-445).

O Papa reconhece que este livro tornou-se objeto de inúmeras interpretações e que, em relação ao seu conteúdo, foram diversas as posições, para alguns valia a leitura e para outros a mesma era fonte de inspiração, principalmente os místicos. Os primeiros versículos do Cântico introduzem-nos imediatamente na atmosfera de todo o poema, em que o esposo e a esposa parecem mover-se no círculo traçado pela irradiação interior do amor.

A linguagem do corpo procura apoio e confirmação em todo o mundo visível. Esta é, sem dúvida, uma linguagem que se reinterpreta contemporaneamente com o coração e com os olhos do esposo, no ato de especial concentração sobre todo o eu feminino da esposa. Este eu lhe fala por meio de cada traço feminino, suscitando aquele estado de alma que pode ser definido como fascínio, encanto. É possível que o esposo homem exprima mais diretamente a beleza da esposa e a própria atração discorrendo-a, sobretudo, com os olhos do corpo; a esposa, por sua vez, contempla com os olhos do coração; através do seu afeto ambos exprimem ao mesmo tempo [...] maravilha e espanto, não

somente pelo eu do outro na sua revelação feminina ou masculina, mas também pelo amor mediante o qual esta revelação se atua. (PAULO II, João, 2005, p. 448-459).

O Papa fala que mediante a verdade da dignidade pessoal e a liberdade do dom que é resposta constrói-se um amor autêntico, mas afirma também que, na linguagem do corpo, este amor encontra o seu fim conclusivo na morte.

#### 4.3 - O comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes.

Orígenes interpretou em três ocasiões o Cântico dos Cânticos: em sua adolescência, compôs um comentário em dois livros; no ano de 240, escreveu outro comentário em dez livros; e, mais tarde, em torno do ano de 245, fez duas homilias. Do primeiro comentário, existem apenas fragmentos. Assim também do segundo, que Orígenes comenta o Cântico por completo, também só se têm fragmentos provenientes das cadeias exegéticas. O comentário do Cântico inicia-se com um grande prólogo, em que Orígenes trata de questões que considera preliminar para uma interpretação ordenada.

São Jerônimo, agudo conhecedor das Sagradas Escrituras, considerava o Comentário ao Cântico como a obra mestra de Orígenes, observando que, com as outras obras, Orígenes superou a todos os demais, com o Comentário ao Cântico, Orígenes superou-se a si mesmo. E, na interpretação desse cântico de amor, Orígenes pode aplicar seus princípios hermenêuticos de forma particular e acertada ao ímpeto místico, que nas letras cristãs daquele tempo era uma profunda novidade.

De todos os livros sagrados, o Cântico é o que mais exige, em sentido cristão, uma interpretação alegórica. O Cântico de amor dos esposos reais não apresenta de forma evidente nada que possa autorizar sua inserção entre os livros divinamente inspirados. Teodoro de Mopsuéstia, no início do século V, impugnou a exegese alegórica da interpretação do Cântico,



mas se viu forçado a negar o caráter inspirado do mesmo. A interpretação feita por Hipólito do Cântico é completamente tipológica, sem nenhuma linha literal. Embora Orígenes tenha também como base a interpretação tipológica, a sua interpretação é muito diferente em grau de complexidade e amplitude.

São Jerônimo salvou as duas primeiras homilias sobre o Cântico traduzindo-as para o latim. Do mesmo modo, fez Rufino, pois traduziu para o latim a parte preliminar do Comentário até a interpretação do capítulo dois e versículo quinze, distribuindo-a em quatro livros. Neste trabalho, iremos utilizar essa tradução feita por Rufino, que vai somente até o capítulo dois e versículo quinze. A interpretação, que faz Orígenes de cada versículo ou grupo de versículos, tem como início um breve comentário de caráter literal. É o primeiro exegeta que desenvolveu o aspecto literal do Cântico, expondo também a sua estrutura de drama quando indica a alternância de personagem, as mudanças de cenas e etc. A interpretação literal tem um valor introdutório. A interpretação espiritual é desenvolvida de forma sistemática em duas linhas que se cruzam de várias maneiras, mas permanecem bem diferentes. A primeira linha é construída pela interpretação tipológica que Orígenes herda da tradição, em que a esposa e o esposo são figuras da Igreja e de Cristo e, apoiada nessa identificação, propõe-se a interpretação dos outros personagens. A outra linha de interpretação representa uma grande novidade na interpretação do Cântico. Orígenes interpretou em um sentido, que os modernos chamam de psicológico. Segue, vendo no esposo, Cristo, porém na esposa, a alma que tende para Ele; também aqui a interpretação dos outros personagens do Cântico segue essa linha. A essas duas interpretações, podemos chamar uma de individual e outra de comunitária. Para Orígenes, a salvação e a perfeição de cada alma realizam-se na Igreja.

O tema fundamental da interpretação tipológica é o contraste entre Israel e a Igreja, entre a velha herança do Antigo Testamento e nova economia do Novo Testamento. Nesta interpretação, os amigos do esposo podem facilmente simbolizar os profetas e as filhas de

Jerusalém, o povo de Israel que não quis aceitar a mensagem de Cristo. A interpretação das particularidades do discurso ressalta a superioridade do esposo: o seu aroma, seu peito são melhores que os perfumes, que o vinho da lei e dos profetas. O esposo oferece objeto de ouro para a esposa, enquanto que os profetas só puderam oferecer material parecido com ouro.

Para Orígenes, a Igreja não começou com Cristo e os Apóstolos, mas que existe realmente desde sempre, desde o começo do mundo e tem vivido sempre na espera de Cristo. Sua chegada na carne, sua união com ela, tem significado a passagem da idade infantil à idade adulta, das imperfeições da lei à perfeição da graça e que agora já está apta e digna de unir-se com seu esposo, tanto tempo esperado. Este é o tema fundamental da interpretação tipológica do Cântico no comentário origeniano. (ORIGENES, 1986, p.26).

O tema central da interpretação psicológica é o da distinção entre os simples e os perfeitos, e a distinção é colocada somente para ressaltar como cada cristão deve sentir-se empenhado de progredir para unir-se cada vez mais a Cristo. Cada cristão deve voltar-se para o esposo, como a esposa do Cântico. No contexto da explicação psicológica ou comunitária, a esposa é vista como expressão da alma perfeita, que já chegou ao momento da união definitiva com o *Logos* divino. As donzelas que estão em redor representam as almas que mais ou menos ainda são imperfeitas e correm atrás do perfume do esposo e ainda estão em fase de adesão ao Cristo encarnado, enquanto que a esposa, sem dúvida alguma, já conseguiu aderir à divindade do *Logos*. Frente às donzelas, a esposa encontra-se num estado de perfeição muito mais avançado. Quando o texto fala que a esposa também corre atrás do perfume, Orígenes diz que a esposa necessita progredir e deve ajudar às donzelas, ou seja, as almas menos perfeitas na carreira.

A estrutura geral do Comentário ao Cântico é fundamentalmente homogênea e orgânica [...] e geralmente as duas interpretações tipológicas e psicológicas não voltam a aparecer justapostas em outras obras, tal como Orígenes colocou nesse Comentário. (ORIGENES, 1986, p.29).

Em Orígenes, os dois significados da esposa – o coletivo, que é a Igreja, e o individual, a alma do fiel – estão ligados e são complementares. A alma do fiel é esposa porque forma parte da Igreja e, se os progressos da alma, na semelhança com Cristo, a tornam mais perfeitamente esposa, também a Igreja, comunidade dos crentes, torna-se mais perfeitamente esposa.

As núpcias de Cristo com a Igreja, assim como as núpcias de Cristo com a alma, abarcam toda uma história. Começa já na preexistência, quando a alma unida ao verbo, ou em outras palavras, a humanidade preexistente de Cristo, é o esposo da Igreja da preexistência constituída por todas as inteligências, as que a queda original transformou em anjos, homens e demônio. Essa queda separa o esposo da esposa [...]. Na encarnação, o esposo, se bem que não havia pecado, reveste-se de um corpo de carne para igualar-se por amor a sua esposa [...]. A união só será perfeita na bem aventurança. (CROUZEL, op. cit., p.175).

A união com Cristo é um matrimônio e, portanto, todo pecado é infidelidade ao esposo legítimo, é adultério cometido com satanás. O matrimônio místico refere-se à união de Cristo com a Igreja e com a alma e o vínculo dessa união é o amor recíproco.

#### 4.4 – O Prólogo do Comentário.

Orígenes, no prólogo do Comentário ao Cântico, afirma que Salomão escreveu esse cântico de bodas em forma de drama e cantava como se fosse uma noiva, que estava para casar, inflamada de amor celeste pelo seu esposo, que é o Verbo de Deus. E o escrito tem como finalidade mostrar-nos que palavras utilizou este magnífico e perfeito esposo ao dirigir-se ao seu cônjuge, a Igreja. E também o que Ele, o esposo, disse às jovens companheiras da esposa. A esposa fala pessoalmente ao esposo. O escrito tem como centro os colóquios místicos, ou seja, as realidades secretas e inefáveis referidas a Deus. Para Orígenes, é impossível ao homem em idade infantil espiritual – aqueles que se alimentam de leite e não de alimento sólido – compreender as palavras do Cântico. Ao homem carnal, o Cântico pode se tornar uma situação

de perigo, pois, não sabendo escutar com pureza e com ouvidos castos as expressões de amor, pode fazer com que toda ação de ouvir desvie-se do homem interior ao homem exterior e carnal, que nutrirá a si mesmo com concupiscências. Orígenes adverte que quem ainda não está livre das moléstias da carne e nem renunciado aos afetos da natureza material, deve abster-se por completo de ler esse livro e sobre o que dirá do mesmo.

O amor em si mesmo é a causa principal desse livro ter sido escrito. E, partindo da definição de homem carnal e espiritual, dada por Paulo, Orígenes fala de duas formas de amor: o amor carnal e o espiritual. O homem interior que ama com amor espiritual semeia no espírito e a alma é movida pelo amor celeste, quando examina a fundo a beleza e a glória do Verbo de Deus, que é imagem e esplendor de Deus invisível, primogênito de toda criação. Orígenes também adverte que a alma pode cair no amor que não é o do seu legítimo esposo, mas para um outro amor adúltero e corruptível.

O nome amor aplica-se a Deus em primeiro lugar. É por isso que as Sagradas Escrituras nos mandam amar a Deus com todo nosso coração, com toda nossa alma e com todas as nossas forças. Ele é a origem de nossa capacidade de amar; é uma só coisa amar a Deus e amar o bem. Segundo Orígenes, o amor foi colocado por Deus como dom em nossa alma, dando o homem outras direções para esse amor. E, se não sofremos pacientemente algumas coisas, é porque falta em nós o amor que tudo sofre. É nesse amor que alma arde e se inflama pelo Verbo de Deus “e canta esse cântico de bodas movido pelo Espírito Santo, por quem a Igreja se une com seu celeste esposo, Cristo, ansiosa de unir-se a Ele por meio da palavra, para conceber Dele e, assim, poder se salvar, graças a essa casta maternidade.” (ORÍGENES. op. cit., p.52).

Orígenes também explica porque o Cântico ocupa o terceiro lugar entre os livros escritos por Salomão (provérbios, eclesiastes e Cântico dos Cânticos), afirmando que as ciências gerais são três: a ética, a física e a moral. E Salomão conhecendo-as, quis distingui-las e separá-las, dando-nos a conhecê-las em três livros separadamente: ensinou nos provérbios a

doutrina moral; a segunda ciência, que se chama de natural, expôs no eclesiastes; e, a questão contemplativa, ensinou no Cântico dos Cânticos, sob a figura do esposo e da esposa que desperta na alma o amor das coisas divinas e ensina que se há de chegar a união com Deus pelos caminhos do amor. Para Orígenes, quem deseja conhecer a sabedoria divina deve começar pelos provérbios, depois ir para o eclesiastes, que nos ensina que todas as coisas visíveis e corpóreas são caducas e frágeis e, renunciando a tudo, encaminhar-se-á para as realidades invisíveis e eternas, que ensina o Cântico com pensamentos espirituais. Este livro ocupa o último lugar nos escritos atribuídos a Salomão para mostrar que, quando chegar ao último livro, já esteja purificado e aprendido a distinguir as coisas corruptíveis das incorruptíveis.

A tríplice forma da filosofia divina (moral, natural e contemplativa) está para Orígenes prefigurada nos Santos e Bem-aventurados varões, de cujas normas de vida o Santíssimo Deus Supremo quis chamar-se: Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó.

Abraão por sua obediência representa a moral; Isaac representa a filosofia natural, quando cava os poços; e Jacó representa a filosofia contemplativa, pois foi por causa da sua contemplação das coisas celestes que ele recebeu também o nome de Israel. Os três habitavam em tendas para mostrar que quem se dedica a filosofia divina não possui nada de próprio, mas que deve avançar sempre de lugar em lugar, de conhecimento imperfeito ao perfeito. (ORÍGENES. op. cit., p.59).

Ainda no prólogo, Orígenes explica o título do livro bíblico o Cântico dos Cânticos e a sua explicação inicia-se com uma pergunta: quais são os cânticos dos quais este é o Cântico?

Penso que os cânticos são aqueles que desde muito tempo se vinham cantando por obra dos profetas ou dos anjos [...]. Este é o único Cântico que em forma de epitalamo deveria já cantar o próprio esposo a ponto de poder receber a sua esposa. Nele, a esposa não quer que lhe cante mais os amigos do esposo, mas deseja escutar as palavras do esposo em pessoa, presente já quando diz: beijame com os beijos de tua boca [...]. Com efeito, os demais cânticos, que a lei e os profetas cantaram, parecem haver sido cantados a esposa ainda pequena, quando ainda não havia penetrado nos umbrais da idade madura, enquanto que este Cântico parece ser cantado a esposa adulta, transbordante de saúde e apta para o vigor fecundante do varão e o mistério perfeito [...]. E, assim, enquanto esposa de um marido perfeito tem concebido palavras de doutrinas perfeitas. (ORÍGENES. op. cit., p.61).

Segundo Orígenes, o primeiro cântico foi cantado por Moisés e os israelitas quando viram os egípcios mortos pelas mãos fortes do Senhor (Ex 15,1). O segundo cântico foi cantado pelos israelitas depois que passaram por tudo que descreve o livro do Êxodo e do Levítico, quando já estão para entrar no censo divino, saindo do vale de Zared alcançam um poço cavado por príncipes e reis (Nm 21,16). O terceiro cântico está no Dt 31,19. A importância desse cântico consiste que, para escutá-lo, não basta só a Terra, convocam-se também os céus. O quarto cântico é cantado por Débora e Baraq e se encontra no livro dos Jz 5,15 e este cântico é cantado após uma vitória, pois nada pode cantar o que é perfeito sem ter vencido antes os inimigos. O quinto cântico está no segundo livro de Sm 22,1ss. Foi cantado por Davi, no dia em que o Senhor lhe livrou das mãos de Saul. O sexto cântico encontra-se no primeiro livro das 1Cr 16,22, quando Davi estabeleceu Asaf e seus irmãos para louvar o Senhor. E, o sétimo, o presente livro, o Cântico dos Cânticos.

Orígenes diz que, nos três livros, Salomão obedece à vontade do Espírito Santo. No livro dos Pr 1,1, fala-se de Salomão, filho de Davi, que reinou em Israel; e, no livro do Ecle está escrito: palavras de Eclesiastes, filho de Davi, rei de Israel em Jerusalém. Ainda segundo Orígenes, no primeiro livro (Pr), o autor descreve-se como filho de Davi, rei de Israel, escreve esse provérbio e chama-se Salomão, colocando o nome da nação que reina; no segundo livro (Ecle) ele coloca palavras, chama-se eclesiastes, não coloca somente o nome da nação sobre a qual reina, mas também o lugar do reinado. “No Cântico dos Cânticos não escreveu nem o nome da nação, nem o lugar onde reina, nem sequer que é rei e nem que tem por pai Davi, escreveu unicamente Cântico dos Cânticos que é de Salomão (1,1).” (ORÍGENES. op. cit., p.66).

Orígenes explica porque o cabeçalho do cântico não traz alguma referência como os outros dois livros. E, para explicar essa ausência de referência, Orígenes faz uma relação entre Salomão e Jesus Cristo, dizendo que Salomão, em muitos aspectos, representa a figura de Cristo e, principalmente, por seu nome significar pacífico, pois Cristo também reina em Israel,

enquanto filho de Davi, e é o verdadeiro eclesiastes, pois, sendo de condição divina, aniquilou-se tomando a condição de um escravo para reunir a Igreja. Ele se chama de eclesiastes porque reúne a Igreja. Por meio do seu sangue, Cristo pacificou tanto os que estão na Terra como nos céus.

Com razão, pois, neste livro sobre o amor da esposa e do esposo e também por esse motivo não está escrito nem filho de Davi, nem rei e nem título algum que se possa relacionar-se com o conceito corporal, com o fim de que a esposa já perfeita possa justamente dizer: e se em algum momento conhecemos a Cristo segundo a carne, já não lhe conhecemos mais assim [...]. Por isso, o Cântico dos Cânticos é unicamente de Salomão não do filho de Davi, nem do rei de Israel [...]. A esposa progrediu até o ponto que já é algo mais do que o reino de Jerusalém. (ORÍGENES. op. cit., p.68).

#### 4.5 – A eclesiologia de Orígenes no Comentário ao Cântico dos Cânticos.

No primeiro versículo do Cântico, que temos como cabeçalho, Orígenes já nos apresenta traços de sua eclesiologia, ou seja, de sua idéia de Igreja, que poderemos encontrá-la em todo o comentário que ele faz do Cântico. A sua eclesiologia, aqui, consiste na sua concepção de Igreja como esposa do Cristo-esposo. O tema da Igreja-esposa é a base desse Comentário. Aqui, o ser esposa é mais do que uma imagem, é a definição mesmo da Igreja que se aplicam distintas imagens. Neste Comentário, Orígenes dá uma dimensão eclesiológica à vida espiritual e uma dimensão espiritual à eclesiológica.

A eclesiologia do Comentário explica como se dá o amor sponsalício de Cristo com a Igreja. Esse delicioso poema, o Cântico, inicia-se solicitando um beijo: “que me beije com os beijos de tua boca”. No seu comentário espiritual desse versículo, Orígenes nos fala da Igreja que está ansiosa para unir-se a Cristo. E, para Orígenes, a Igreja é a congregação de todos os santos, ela como único personagem representa todos e diz:

Tenho tudo, estou repleta de presentes que recebi por causa dos sponsais e como dote antes das bodas. Faz tempo, efetivamente, enquanto me preparava para unir-me ao Filho do Rei e primogênito de toda criação. Seus santos anjos

me agasalharam e serviram-me trazendo como presente de bodas a lei [...]. Também me serviram os profetas [...]. Com palavras proféticas, anunciaram-me a sua vinda e cheios do Espírito Santo me proclamaram suas inúmeras virtudes e obras incomensuráveis. Também descreveram sua beleza, seu aspecto e sua bondade, tanto que com tudo isto me inflamava de amor por Ele, até o insuportável. (ORÍGENES. op. cit., p.75).

A esposa depois se lamenta em razão do mundo já estar quase acabado e o esposo não se fazer dom com a sua presença. Ela, a Igreja-esposa, diz que percebe os servidores do esposo que sobem e descem até ela, então ela reza ao Pai do seu Esposo, pedindo que o mesmo tenha compaixão do seu amor e que envie o seu Esposo e que Ele já não lhe fale mais por meio dos anjos e profetas, mas que o Esposo venha em pessoa e lhe beije com os beijos de sua boca, ou seja, “infunda em minha boca as palavras de sua boca e que eu lhe escute falar pessoalmente e lhe veja ensinar” (ORÍGENES. op. cit., p.75). Segundo Orígenes, os beijos que Cristo ofereceu a Igreja, quando veio na carne, foi ter-lhe anunciado palavras de fé, de amor e de paz, de acordo com o que Isaías já havia anunciado a esposa: “o Senhor mesmo nos salvará” (Is 33,22). A esposa fala ao esposo ausente como se estivesse presente. O desejo de presença transforma-se em convicção de proximidade. Se a Igreja-esposa pede só um beijo, porque acredita na permanência e durabilidade do mesmo, não quer mais os presentes, nem dos anjos e nem dos profetas, mas tão somente o seu amado.

No prólogo, Orígenes fala que Salomão é figura do Cristo, porque seu nome significa pacífico e, por isso, diz São Bernardo não há nada mais oportuno do que abrir esse livro com o sinal de paz, que é o beijo. Toda a história da Igreja depois da queda em diante é uma preparação a esse encontro. A Igreja foi preparada para as bodas pelo ministério dos anjos e profetas e, inflamada de amor para que lhe envie o Esposo, possa falar-lhe Ele mesmo, presente na carne. O Cântico, desde seu início, com decisão e humildade audaz já aponta para o término ou objetivo, que é a união plena.

A esposa busca o Esposo e não encontra, chama e Ele não responde; a esposa persevera na espera pelo amado, porque na caridade tudo suporta. Enquanto o Esposo não vem,



a esposa esforça-se para atraí-lo desde o seio do Pai, com suas preces. O Esposo demora e a esposa progride no amor (Dt 13,3).

“Porque são teus peitos melhores que o vinho e o odor de teus perfumes superior a todos os aromas” (Ct 1,2-3). Segundo Orígenes, os peitos aqui significam a parte principal do coração. A Igreja falando ao Esposo, quando menciona seus peitos, ela quer dizer que o que Ele tem dentro de si, pensamento e a graça da doutrina, é melhor que o vinho que alegra só o coração do homem. E os peitos do Esposo são os melhores porque neles se ocultam a sabedoria e a ciência. A comparação que a esposa faz dos peitos do Esposo com o vinho, é para mostrar que esse vinho são seus pensamentos e suas doutrinas antes da vinda do esposo, era o que ela recebia da lei dos profetas e agora, ao perceber a doutrina que jorra do peito do esposo, fica cheia de admiração, porque vê que esta é superior à outra, antes da vinda do esposo.

Por isso, agora, ela, ao ver quão grande era sua ciência e que dele emana uma doutrina muito mais perfeita do que a existente entre os antigos, diz: são os teus peitos melhores que o vinho, ou seja, melhor do que aquela doutrina com a qual me alegravam os antigos. (ORÍGENES. op. cit., p.80).

Com o bom vinho da lei e dos profetas, diz Orígenes, a Igreja predispôs-se a receber a alegria no coração e a preparar-se de tal modo que pudesse ganhar também o que haveria de vir por meio dos peitos do Esposo, uma doutrina que supera a todas em excelência, e por isso ela diz: são os teus peitos melhores que o vinho. Para Orígenes, os peitos do Esposo estão como tesouro escondido na lei e nos profetas e é melhor do que o vinho destes, é melhor do que a doutrina já manifestada e que alegra a quem a escuta.

Depois, a esposa continua falando: “o odor de teus perfumes é superior a todos os aromas” (Ct 1,3). A esposa já conhecia alguns aromas, ou seja, as palavras da lei e dos profetas; e, com esses aromas, a esposa nutria-se e se preparava para seu Esposo. Quando porém, diz Orígenes, Deus enviou seu Filho unigênito, ungido pelo Espírito Santo, a este mundo, a esposa aspirou o perfume divino percebendo que todos os aromas e fragrâncias que tinha usado eram

muito inferiores em comparação com a suavidade deste novo e celestial perfume e, por isso, ela diz: seus perfumes são superiores a todos os aromas. Como ensina Orígenes, Cristo, ungido do Espírito Santo, quis comunicar a Igreja, sua esposa, essa unção. A esposa está toda consagrada pelo odor de Cristo-esposo e a sua missão é ser odor de Cristo (2Cor 2,14-15). A proximidade do Cristo-esposo com a sua esposa, a Igreja, é descrita de forma bem pessoal: beijo e odor.

Orígenes diz que Cristo se fez Pontífice tornando-se mediador entre Deus e o homem e se fez esposo quando se uniu a Igreja sem mancha e sem ruga. Orígenes, para melhor explicar o Cristo, que se faz Pontífice, recorre ao texto de Ex 30,22, em que Deus manda Moisés preparar um perfume com arte de perfumista e este perfume, segundo Orígenes, está em relação com o perfume que a esposa percebe e admira. O perfume que o Senhor mandou Moisés preparar contém quatro ingredientes: mirra florida, cinamomo, cálamo aromático e canela. Para Orígenes, os quatro ingredientes representavam a encarnação do Verbo de Deus, pois este tomou um corpo composto de quatro elementos. A mirra indicava sua morte, que Ele assumiu como Esposo para a esposa. O êxodo não fala somente da mirra, mas também da sua flor para indicar que Ele seria o primeiro a ressuscitar dentre os mortos.

Enquanto ao cinamomo, se lhe chamam de imaculado, indubitavelmente, é por causa da Igreja, que Ele, Cristo, purificou-a [...] fazendo-a imaculada sem mancha e sem ruga [...]. A cana [cálamo] com matiz de suavidade indica a graça da doutrina. Com a canela, se dá a entender o ardor do Espírito Santo e, já o do juízo futuro, por meio do fogo. (ORÍGENES. op. cit., p.86).

O odor do perfume do Esposo é superior em relação aos outros aromas, porque o seu perfume é o perfume do Espírito Santo, com o qual Cristo foi ungido e que agora a Esposa sente e se admira. Orígenes, citando o Sl 45,8 e Gl 5,22, chama o perfume de óleo da alegria.

“Perfume derramado é o teu nome, por isso as donzelas enamoram-se de Ti e Te atraíram para si, corramos ao odor dos teus perfumes” (Ct 1,3-4).

Realmente nestas palavras pode-se ver uma profecia avançada pela personagem da esposa que se aproxima de Cristo, no sentido de que na vinda

de Nosso Senhor e Salvador seu nome alcançará difusão por toda a terra e pelo mundo inteiro e que um delicado odor seria percebido em todo lugar, como disse o Apóstolo em 2Cor 2,15s. (ORÍGENES. op. cit., p.91).

Orígenes fala que, quando este perfume foi derramado, somente os que estavam crescendo em idade e beleza foram capazes de amar, isto é, as donzelas. As donzelas atraem verdadeiramente Cristo para si quando compreendem que a Igreja é perfeita e una. As donzelas são muitas e elas atraem o Cristo mediante a fé, porque, quando Cristo vê dois ou mais reunidos na fé em Seu nome, ali Ele faz-se presente. A Igreja-esposa, mesmo sendo perfeita mais por causa das donzelas que necessitam progredir, declara que também corre, segue o exemplo do Esposo, que mesmo sem estar pessoalmente sob a lei, põe-se debaixo da mesma para ganhar os que estão sob ela. O olfato da esposa e das donzelas, com o que percebe o perfume do esposo, refere-se não ao sentido corporal, mas ao divino, ao homem interior. Para a Igreja-esposa, a própria presença do Esposo é perfume.

“O rei me introduz em seu quarto do tesouro; exultemos e alegremos em ti” (Ct 1,4).

A Igreja vem a Cristo e o quarto do tesouro de Cristo é o depósito de Deus, em que Cristo introduz a Igreja. Este depósito de Deus é para Orígenes o sentido secreto que nos fala o Apóstolo Paulo, que não é conhecido nem pelos olhos, nem ouvidos, nem pelo coração, o que Deus preparou para aqueles que lhe amam. Todas as donzelas correm atrás do Esposo cada uma conforme a sua força, mas só uma é perfeita, a que corre de modo a chegar e receber sozinha o prêmio.

Uma só é, em efeito, a que diz: o rei me introduz em seu quarto do tesouro. E, uma vez introduzida no quarto do tesouro, transforma-se em rainha. Segundo Orígenes, dela fala o Sl 44,10. “Devemos também advertir que, assim como o rei tem um quarto do tesouro, no qual introduz a rainha e esposa sua, assim também a esposa tem também o seu próprio quarto do tesouro.” (ORÍGENES. op. cit., p.103). Orígenes diz que quando o Verbo entra no quarto do tesouro da Igreja e olha quantas riquezas – ou seja, virtudes da alma – a Esposa tem acumulado

em seu quarto, Ele atende aos pedidos da Esposa. Para Orígenes, quando a Esposa fala “exultemos e alegremos em Ti” (Ct 1,4), está falando em nome das donzelas que desejam e pedem ao Esposo que assim como a esposa alcançou à perfeição e por Ele exulta, elas também querem chegar até o quarto do tesouro do rei para contemplar todas as coisas das quais a esposa se gloria. “Amaremos teus peitos mais do que os vinhos” (Ct 1, 4). A esposa, certamente depois de ter merecido receber o beijo da boca do Esposo e de desfrutar de seus peitos, diz que seus peitos são melhores que o vinho. As donzelas não chegaram a este grau de felicidade, não alcançaram o cimo da perfeição e nem produziram em suas vidas os frutos do verdadeiro amor e, ao verem que a Esposa já alcançou tudo o que elas desejam, caminham nas marcas da mesma dizendo: “amaremos teus peitos mais do que o vinho” (Ct 1,4).

“A equidade há te amado” (Ct 1,4).

Por conseguinte, dado que acima da perfeição consiste o amor e que o amor não admite iniquidade alguma, e ali onde não há rastro de iniquidade, está, indubitavelmente, a equidade, com toda razão se diz que a equidade ama ao Esposo [...]. É, pois, a equidade que ama Cristo e guarda seus mandamentos. (ORÍGENES. op. cit., p.106).

“Sou morena e formosa, filha de Jerusalém, como as tendas de Cedar, como as peles de Salomão” (Ct 1,5). Para Orígenes, essa esposa que fala é a Igreja congregada pelos gentios, as filhas de Jerusalém são as almas, que graças à eleição dos pais, se dizem queridíssimas, porém são inimigas por causa do Evangelho, são as filhas da Jerusalém terrestre. Quando estas vêm a Igreja, que provém dos gentios e, portanto, carecedora de nobreza<sup>2</sup>, depreciam-na pela falta de nobreza em sua linhagem. A Esposa, conhecendo as razões dos ultrajes, ou seja, chamam-na de negra por considerá-la como se não tivesse a claridade da instrução dos Pais (os Patriarcas), responde dizendo que realmente é negra por não descender da linhagem de varões ilustres nem ter recebido a iluminação da lei de Moisés, mas tem consigo a sua própria beleza.

---

<sup>2</sup> O sentido de ser carecedora de nobreza é porque não se pode atribuir a nobreza dos patriarcas, mas esta esquece o seu povo, a sua casa paterna e chega até o Cristo.

Efetivamente, em mim, está àquela primeira criação que em mim se fez a imagem de Deus e agora ao aproximar-me do Verbo de Deus, recebi minha beleza [...]. Cedar descende de Ismael, pois ele nasceu como segundo filho e Ismael teve parte na bênção de Deus [...]. As peles de Salomão não são outras do que as peles da tenda de Deus [...]. Sou negra certamente, pela minha condição pobre da minha linhagem, porém formosa pela penitência e pela fé, fui acolhida pelo Filho de Deus, fui recebida pelo Verbo feito carne. (ORÍGENES. op. cit., p.110-111).

A Igreja que procede dos gentios diz-se negra e formosa. Orígenes fala que podemos encontrar nas Sagradas Escrituras figuras que antecipam esse “mistério”, como a rainha de Sabá, que veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão. Esta imagem se adapta bem a Esposa que vem a Cristo do meio dos gentios, assim como a de Moisés que tomou uma etíope por mulher.

Vê que Moisés, isto é, a lei espiritual, já passou as núpcias e a união com a Igreja congregada entre os gentios e Maria [sua irmã] é sinal da sinagoga abandonada e Aarão representa o sacerdócio carnal e, quando percebe que lhe tiraram seu reino e entregaram a outro povo que faria frutificar, disse: Deus falou somente a Moisés? Não falou também a nós? Assim mesmo o próprio Moisés, de quem tantas e tão magníficas obras de fé e paciência se contam, nunca foi tão acumulado de louvores por Deus como agora ao tomar como esposa a etíope. (ORÍGENES. op. cit., p.116).

A esposa negra e formosa é, para Orígenes, a mesma que a etíope da qual Moisés ou a lei espiritual – que sem nenhuma dúvida é Cristo, o Verbo de Deus – uniu a si em matrimônio, apesar das críticas das filhas de Jerusalém, ou seja, o povo de Deus. Orígenes diz que a rainha de Sabá admirou a prudência de Salomão e não a sabedoria, porque a prudência faz parte das ações humanas, enquanto que a sabedoria, das divinas. A Igreja enquanto peregrina também contempla a prudência de Cristo, está no meio dos homens, embora descida do alto, ela é suscitada daqui debaixo, com a chegada do perfeito ela será trasladada da Terra ao céu, então, não contemplará mais a prudência, mas toda a sabedoria. A rainha viu a casa que o rei (a sabedoria) tinha edificado e esta casa são os “mistérios” da encarnação de Cristo. E os assentos dos serventes do rei representam as vozes eclesiásticas do episcopado e do presbiterato.

Ela também viu os ministros servidores em fileira, ou seja, os diáconos. As vestes são os cristãos que são revestidos de Cristo pelo batismo. Os copeiros representam os teólogos, pois serviam para o povo a palavra de Deus. Enfim, segundo Orígenes, tudo que a rainha viu no palácio de Salomão causou-lhe admiração (1Rs 10,6).

Efetivamente, de fato, quando essa mulher negra chegar na Jerusalém celeste e entrar na visão da paz, verá muito mais coisas e muito mais magníficas, do que as que agora lhe anunciam, o que agora ela vê por meio de enigmas verá face a face. (ORÍGENES. op. cit., p.120).

A rainha de Sabá deu cento e vinte talentos de ouros a Salomão e esta quantia representa para Orígenes que a Igreja não só oferece a Cristo no peso e na figura do ouro a multidão de seus pensamentos e sentimentos, mas que também mediante esse número, que é a idade de Moisés, indica que os sentimentos da Igreja estão consagrados a lei de Deus. Oferece a delicadeza dos perfumes que são as orações e as obras de misericórdia. Agora a Igreja reza perfeitamente com a chegada de Cristo e trabalha com piedade porque aprendeu a praticar a justiça somente na vista de Deus que vê o oculto e que, em oculto, recompensa a vista de todos. Quanto às peles, diz-se que é de Salomão; Salomão é figura de Cristo e se a tenda é dele, é chamada de verdadeira tenda de Deus. “Estas peles devem entender-se referidas a tenda que é a figura da chamada verdadeira tenda; ainda que negras, tinham sua utilidade para tenda divina e a adornavam.” (ORÍGENES. op. cit., p.123). A esposa sente-se indigna, porém amada pelo seu esposo e se apresenta a ele tal como é. O olhar de Cristo e seu beijo de Esposo e rei converteram a negrura da esposa em beleza.

“Não olheis eu ser morena, foi o sol que me descuidou” (Ct 1,6). A esposa vai afirmar, segundo Orígenes, que sua negrura não é por natureza e nem foi feita assim pelo Criador, mas por causas acidentais, como ela mesma fala, foi por descuido do sol; se foi por descuido, logo ela não se refere ao corpo e, sim, a alma. A negrura da alma adquire-se por negligência e se elimina com a diligência. Orígenes explica esse versículo (1,6) recorrendo aos

últimos versículos do Cântico, para dizer que a esposa na sua diligência recostada sobre o seu amado sobe toda branca, fez-se negra porque desceu, a descida é símbolo do pecado enquanto que a subida, da redenção. O encostar-se no amado ou sobre o amado é atitude de adesão ao mesmo, sem dele se separar. Assim, ela ficará completamente branca e fulgurará envolvida pelo esplendor da verdadeira luz.

Não penseis, filhas de Jerusalém, que é natural essa negrura em meu rosto, mas sabeis que o que me causou foi o descuido do sol de justiça [...] por não haver me encontrado bem direita em pé, porque eu sou o povo gentil que antes não havia olhado para o sol de justiça e nem ficado direito diante do senhor. (ORÍGENES. op. cit., p.127).

A esposa fala, de acordo com a interpretação origeniana, que as filhas de Jerusalém estavam sob o sol de justiça quando acreditavam; e ela, a esposa que vem da gentilidade, estava afastada do olhar do sol porque não acreditava e era desobediente. Agora, a esposa diz que tudo acontece ao contrário: ela acredita e as filhas de Jerusalém fizeram-se incrédulas e desobedientes e estas não só foram descuidadas pelo sol como ficaram cegas parcialmente, porém é pela fé da esposa que as filhas de Jerusalém voltarão a enxergar (Rm 11,30). O sol de justiça, fixando-se seu olhar na esposa, iluminará toda sua negrura e ela será chamada de luz do mundo. Este sol ilumina os justos e queima os pecadores, porque estes, ao fazerem o mal, odeiam a luz.

“Os filhos de minha mãe combateram em mim, colocaram-me de guarda nas vinhas; minha própria vinha não guardei” (Ct 1,6). Os filhos da mãe da esposa negra e formosa não combateram contra ela, mas nela e depois desse combate a colocaram como guarda da vinha. Orígenes pergunta: quem é a mãe que a esposa cita como sua? E quem são esses filhos que depois do combate na esposa a colocaram como guarda de vinhas? Orígenes mesmo responde e diz que a mãe é a Jerusalém celeste da qual nos fala São Paulo; que a Jerusalém celeste é a sua mãe e a de todos os crentes (Gl 4,21-26) e conclui dizendo que não somos mais filhos da escrava, mas da livre (Gl 4,31), da liberdade com o que Cristo nos fez livre e essa liberdade se

consegue em Cristo pela fé. Filha desta mãe do alto é também a esposa, juntamente com os que combateram nela e a fizeram guarda de vinha. Os filhos da mãe da esposa, segundo a interpretação de Orígenes, são os Apóstolos que antes combateram nessa Igreja que se encontrava entre os gentios. Combateram nela os sentimentos de infidelidade e desobediência (2Cor 10,4s), que estavam em seu coração, adquiridos enquanto estava entre os gentios e depois que os Apóstolos por meio do combate na esposa, expulsando todos os sentimentos de infidelidade, não a deixou ociosa para não voltar aos antigos vícios movida pelo ócio e o trabalho que lhe deram para desempenhar foi de guardar vinhas. Orígenes diz que por vinha podemos entender cada um dos livros da lei e dos Profetas, pois cada um era como um campo que deveria ser cultivado, ou seja, interpretado segundo a interpretação espiritual. E a vinha que a esposa não guardou, ainda segundo Orígenes, era a ciência que ela tinha antes de ter fé, mas que deixou tudo sem duvidar quando acreditou em Cristo e por Cristo considerou perdidas o que antes tinha como ganho.

O Apóstolo Paulo, referindo-se ao que escreveram sobre Adão e Eva, afirma: grande este mistério, referindo-se a Cristo e a Igreja, pois Cristo a amou de tal maneira que se entregou por ela, quando ela ainda era ímpia (Rm 5,6.8) se diz que durante esse tempo de impiedade ela havia cultivado uma vinha de tal índole que deveria abandoná-la de modo algum conservá-la. (ORÍGENES. op. cit., p.136).

A Rainha de Sabá não ficou maravilhada só com o aspecto de Salomão, mas também com tudo o que viu: o palácio, as refeições, as vestes, os copeiros, etc. Ela ficou extasiada, porque cada coisa representa o múltiplo resplendor da Igreja. O palácio, com efeito, é uma junção indivisível e inseparável de muitas pedras e madeiras; é a figura da unidade da Igreja, que forma uma só morada de Deus pela unidade da fé e o reconhecimento do Filho de Deus. A rainha também ficou admirada com os holocaustos que se oferecia no tempo (1 Rs 10,4-5), pois é símbolo do sinal da oblação perene do Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor, que é vínculo



dessa unidade. Para servir dignamente um rei tão excelso, não se deve se apresentar com qualquer roupa, mas se revestir da justiça própria de seu ministério.

A esposa fala que é morena e formosa, morena porque foi descuidada pelo sol de justiça. A Igreja surge radiante quando expulsa, pela graça, a obscuridade com o seu primeiro nascimento pela luz da regeneração e das boas obras. É o Esposo, o sol de justiça, que realiza nela a claridade com sua gratuita misericórdia. A Igreja deixou para traz a noite primeira de sua origem na gentildade, mas ainda permanece numa noite iluminada enquanto peregrina. A noite é tão clara como o dia, sobretudo a lua (Igreja) brilha com toda sua força, mas a noite persiste, ou seja, enquanto ainda vemos através de imagens.

A luz da lua é o resplendor da fé, a luz da caridade é a irradiação do sol, contamos com esses dois grandes astros que nos iluminam durante o dia e à noite. O sol de justiça que torna a Igreja bela, afastando a sua obscuridade, possui também suas fases: manhã, meio-dia e entardecer. A encarnação do Filho de Deus é a sua luz matinal, a cruz é sua luz meridiana, pois o Cristo foi crucificado ao meio-dia, a sua luz vespertina é a morte na qual o sol de justiça conheceu seu ocaso (SI 104,19). Provou o ocaso que Ele mesmo se preparou desde a eternidade, que amou, aceitou e ofereceu espontânea e humildemente a Deus Pai por nós como oferenda agradável, porém chegará o dia em que desaparecerá a noite e a lua se retirará (SI 72,7) porque reinará a luz plena e não existirá mais o dia formado por tarde e manhã. Brilhará como único dia o Unigênito do Pai, renovando sua Igreja, conformando-a estreitamente unida a sua caridade, transformando este corpo humilde em glorioso como o seu. Para isto, a Igreja foi escolhida antes de todos os séculos e assumida pelo Verbo de Deus.

O sol da justiça nasce no centro da aurora da fé e esperança da Igreja expectante e se manifesta depois, ao mundo, nos sinais de glória e nas palavras de graça, esconde-se com a nuvem da paixão, mas com a ressurreição irradia a luz esplendorosa do meio-dia e com isso não anula a força da lua, mas aumenta, santifica e consolida. É com razão que se diz que a Igreja

é bela como a lua e é resplandecente como o sol, porque esta está banhada pela luz profética. A luz da lua também é entendida como profecias e evangelhos e recebe de ambos os lados a luz verdadeira e se alegra desde agora do conhecimento perfeito do seu amado. Com a luz da profecia, a esposa caminha para a verdade evangélica e desde a claridade do Evangelho ela se encaminha para a visão perfeita da luz eterna, aquela luz que fez a esposa formosa. A luz do Evangelho a torna eleita porque a prepara para a glória dos eleitos pelo “mistério” da encarnação e da paixão. A esposa formosa por ser justificada por crer na verdade e eleita quando aparece a verdade e recebe o prêmio da felicidade eterna. Com esta luz, a Igreja liberta os gentios das trevas e confunde a incredulidade dos hereges. A luz é agradável aos olhos sãos e insuportável aos enfermos. Ela é formosa e preferida para seu esposo, terrível para os inimigos da luz. Aqui mostra abertamente a fé madura da Igreja que vem dos gentios e seu fervente e crescente entusiasmo. A formosura da esposa também consiste que, enquanto mais iluminada, esta melhor observa suas trevas e, aspirando chegar totalmente a luz do dia, vive honestamente como em pleno dia.

“Faz-me saber tu, a quem ama minha alma, onde apascentas o rebanho, onde descansa ao meio-dia, para que eu não ande toucada com o véu de noiva atrás do rebanho dos companheiros.” (Ct 1,7). Para Orígenes, aqui são palavras da esposa ao Esposo, ou seja, desde o começo com a frase “que me beije” e até “atrás do rebanho dos teus companheiros” são palavras da esposa. As palavras que encontramos no versículo 7 indica que o Esposo é também pastor. Antes, o texto fala que é rei, porque rege a homens, que é pastor porque apascenta ovelhas e é Esposo porque tem uma esposa para que reine com Ele. A rainha está à direita do seu esposo.

A esposa solicita encarecidamente de seu esposo que lhe indique o lugar do seu recolhimento e descanso, já que, impaciente de amor, deseja também escutar o esposo ao meio-dia, sobretudo nesse momento em que a luz é mais clara e o brilho do dia, perfeito e puro, para estar ao seu lado enquanto apascenta as ovelhas”. (ORÍGENES. op. cit., p.140).

Segundo a interpretação origeniana, a esposa chamou o Esposo com uma denominação nova. Efetivamente, porque sabia que Ele é filho do amor, mas ainda que é o amor que procede de Deus. A esposa fala que é com sua alma que ela ama o Esposo, ela sabe que não é com qualquer amor, mas com amor de toda alma, de todo coração, que se deve amar o Esposo. “Onde apascenta o rebanho, onde descansa meio-dia.” (Ct 1,7). Orígenes chama de meio-dia, os segredos do coração, com os quais a esposa consegue do Verbo de Deus uma luz mais clara de conhecimento, efetivamente, no momento em que o sol avança mais alto cimo de sua carreira. Por esta razão, diz Orígenes, se alguma vez o sol de justiça, Cristo, revela a sua Igreja, os altos e difíceis segredos de suas virtudes, parece que faz conhecer os agradáveis de pastos ao meio-dia, já que a mesma se encontra no início de sua aprendizagem, embora esteja apenas iniciando, busca e já deseja realidades mais perfeitas e elevadas. A Igreja-esposa deseja ser iluminada com a luz plena da ciência, para evitar que andando errante, venha assemelhar-se àquelas escolas de doutores que trabalham não pela sabedoria de Deus, mas pela do príncipe deste mundo. Por esta razão, a esposa de Cristo busca os redis do meio-dia e pede a Deus a plenitude da ciência.

Brota no coração da esposa o desejo de estar na presença do amado. Aparece a palavra amado e nela se resume tudo. A esposa deseja o desvelamento total, ou seja, deseja ver o amado sem véus e nem sombras, quer a presença do amado a qualquer preço e, o modo de manifestar-se, deixa que seja iniciativa do amado.

“Se tu não te conheces, oh mais bela entre as mulheres, segue as marcas dos rebanhos e apascenta teus cabritos entre as tendas dos pastores.” (Ct 1,8). A esposa é bela desde o princípio, ou seja, sempre foi amada por Deus e, por isso, é bela. O Esposo quer que a beleza da esposa não seja reconhecida a partir de comparações com as mulheres menos belas, mas a partir da correspondência da esposa para consigo mesmo, pois se esta não reconhece a si mesma como bela, nunca terá tenda própria e apascentará o pecado (cabritos). Cristo, falando a sua

esposa, estabeleceu a realização da salvação no conhecimento que ela tem de si mesma, a sua substância, o seu passado, presente e futuro. A Igreja-esposa colabora na ação salvífica do Esposo, ser pastora com o pastor, para isso tem que seguir as marcas que o amor do bom pastor deixou na história do seu povo. A esposa é bela, porque é identificada como lugar onde o Esposo deve manifestar-se. O Esposo canta a beleza da sua esposa para mostrar sempre o seu amor que nunca falha.

“A minha cavalaria entre os carros do faraó te comparo, tu que me eras tão próxima” (Ct 1,9). Orígenes reconhece o dado eclesiológico nesse versículo a partir de uma interpretação do Apocalipse, onde aparece a imagem de um cavalo branco (Ap 11,19ss). Para Orígenes, o cavalo branco é a Igreja, corpo de Cristo, enquanto não tem mancha nem ruga. A cavalaria de Cristo são todos que fazem parte da Igreja que Ele a santificou para Si no banho das águas. A sua cavalaria antes esteve entre os carros do faraó e, agora, segue ao Cristo montada em cavalos brancos. A Igreja está formada por muitas almas e, o exemplo de vida, estas recebem do Cristo-esposo.

“Quão formosa se tornaram tua face, como a da rolinha, teu pescoço é como um colar” (Ct 1,10). Anteriormente, o Esposo havia chamado à atenção da esposa, advertindo-a que se não conhecesse a si mesma, haveria de sair seguindo as pegadas do rebanho e apascentaria não ovelhas, mas cabritos. Ela, diante do rigor da advertência, ruborizou-se e, porém, ao espalhar rubor por toda a sua face, embelezou as maçãs do rosto, destacando a sua formosura muito mais do que antes. O texto do Cântico fala de algumas partes do corpo da esposa: da face e do pescoço. Para aplicar a este texto uma interpretação eclesiológica, Orígenes recorre a dois textos paulinos: 1Cor 12,14ss e Ef 5,21-27. Orígenes diz que estes textos nos ensinam que a esposa de Cristo, que é a Igreja, é também seu corpo e seus membros. Se escutamos aqui o nomear os membros da esposa, segundo Orígenes, devemos entender que estes são os membros da Igreja. Uns se chamam olhos, por causa da luz da inteligência e da

ciência; outros, ouvidos, porque ouvem a palavra da doutrina; e, outros, mãos, por causa das boas obras e os serviços religiosos, assim também, há outros que se chamam bochecha que é a parte do rosto onde se reconhece a dignidade e a modéstia da esposa. É também por este apelativo que se assinala dentre os membros da Igreja, aqueles que cultivam a dignidade da castidade e do pudor e é através desta parte do corpo da esposa que falamos a todo corpo da Igreja: que formosa se tornaram tuas faces (bochechas). Percebemos que antes não eram formosas, porém depois que recebeu o beijo do Esposo e depois que Este, que anteriormente falava por meio dos profetas, fez-se presente e limpou para Si a Igreja com o banho de água, eliminando as manchas e rugas e lhe deu faculdade para reconhecê-lo, então suas faces tornaram-se formosas (bochechas). A castidade e o pudor, que antes faltavam, foram se espalhando pela face da Igreja com magnífico esplendor.

Segundo Orígenes, a comparação com a rolinha consiste em que esta ave só possui um macho; e o macho, uma fêmea. Se este ou esta morre quem sobrevive perde o desejo de união. “A comparação da rolinha adapta-se convenientemente à Igreja, bem porque depois de Cristo não conhece união com nenhum outro Esposo.” (ORÍGENES. op. cit., p.166). Pelo pescoço da esposa, diz Orígenes, devemos entender, efetivamente, que aquela que antes era feia por causa da desobediência e do pecado, agora faz-se formosa e magnífica pela obediência da fé, por isso seu pescoço tornou-se belo como colar.

Dizemos que a cerviz significa sujeição e obediência, porque a esposa toma sobre si, digamos, o jugo de Cristo que presta obediência a sua fé. Por isso que os adornos de sua cerviz, ou seja, de sua obediência é Cristo, Ele foi o primeiro que se fez obediente até a morte (Fl 2,8) [...] Por isso, o adorno e o colar da cerviz da Igreja é a obediência de Cristo e não só isso: também a cerviz da Igreja, isto é, sua obediência faz-se semelhante à obediência de Cristo. Em tudo isso, grande é o louvor para com a Igreja onde imitar sua obediência é o mesmo que imitar a de Cristo, que é objeto de imitação por parte da Igreja. (ORÍGENES. op. cit., p.167).

Orígenes, para explicar o que significa o colar nesse versículo, recorre ao texto de Gn 38,11 que fala do colar o qual Judá deu a Tamar que se tinha disfarçado de prostituta. Cristo dá esse colar a Igreja que Ele havia reunido tirando-a da prostituição de múltiplas doutrinas.

“Imitações de ouro faremos para ti, com realces de prata, enquanto o rei está no seu leito” (Ct 1,11-12). Para Orígenes, os anjos, antes da vinda corporal de Cristo, já serviam a esposa, a lei foi ordenada por eles. Eles foram colocados junto à esposa quando ela era pequena para serem seus tutores, ou seja, antes de chegar o momento da esposa receber os beijos do verbo de Deus, foi honrada em muitas ocasiões pelo serviço dos anjos. Isso porque Orígenes fala da Igreja, ou da esposa, não só a partir da vinda do salvador na carne, mas desde o começo do gênero humano e desde a criação do mundo e mais até mesmo, antes da criação do mundo. Seguindo a interpretação paulina, Orígenes diz que a Igreja também foi fundamentada nos profetas e chama Adão de profeta por haver profetizado o grande “mistério”, referido a Cristo e a Igreja, quando disse: “portanto, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher e serão os dois uma só carne” (Gn 2,24). Orígenes diz que quando Paulo afirma: “é grande esse mistério, mas eu digo em respeito a Cristo e a Igreja” (Ef 5,32) ou quando o mesmo Apóstolo diz que Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela, santificando no banho de água (Ef 5,25), Paulo está se referindo ao texto de Gn 2,4 e ao mesmo tempo mostra-nos que a Igreja existe antes em todos os santos que viveram desde o começo do mundo e Cristo veio a Igreja porque lhe amava.

Segundo Orígenes, os anjos que cuidaram da esposa antes da vinda de Cristo são os amigos e companheiros do Esposo e que falam a ela: “te faremos imitações de ouro com realces de prata, enquanto o rei está em seu leito” (Ct 1,11-12). “O ouro é símbolo da natureza invisível e incorpórea, enquanto que a prata simboliza a faculdade da palavra e da razão” (ORÍGENES. op. cit., p.171). As imitações de ouro que fizeram os anjos e os profetas à esposa é a religião judaica, mas quando um se converte ao senhor e lhe tira o véu, esse vê o ouro verdadeiro.

Deste ouro verdadeiro os amigos do esposo, antes que ele se apresentasse e se desse a conhecer, fizeram imitações para a esposa, com a finalidade de que, incitada e estimulada por essas imitações, ansiasse o ouro verdadeiro. (ORÍGENES. op. cit., p.174).

Essas imitações de ouro são feitas por meio da transmissão na lei e nos profetas em figuras e imagens. Quando se fala em realce de prata, é para mostrar que existe indício do sentido espiritual da palavra e da interpretação racional, ainda que bastante raro e exíguo. O que nos foi servido, pelos anjos e profetas, foi imitação de ouro com pequenos realces de prata, mas o que Cristo nos entregou foi o ouro verdadeiro e prata maciça. Essas imitações, segundo Orígenes, possuem um tempo determinado de duração, ou seja, só enquanto o rei está no leito. Os que se configuram a Cristo ressuscitado não permanecem mais na imitação do ouro, com a ressurreição de Cristo, incontáveis “mistérios” irão manifestando-se e sendo explicados, não como pequenos realces, mas com ampla disposição. Está no leito é, para Orígenes, o progredir da Igreja para perfeição. Quando ela alcança à perfeição, o verbo de Deus faz nela o seu leito.

“Meu nardo exalou seu odor” (Ct 1,12).

A esposa entrou onde estava o Esposo e o ungiu com seus perfumes, porém de uma forma maravilhosa como se o nardo que antes estava com a esposa não havia dado odor e exalou sua fragrância, assim que tocou o corpo do Esposo, tanto que pareceu que este não surgia do nardo o odor, mas ao contrário que era o nardo que recebia o odor do Esposo. Este perfume de nardo com que foi ungiu o Esposo tomou não só seu odor natural de nardo, mas também o odor do próprio Esposo. A esposa recebeu pelo perfume a fragrância do Esposo. (ORÍGENES. op. cit., p.180).

Ainda segundo Orígenes, a fragrância do esposo superou a do nardo. Isto indica, certamente, que o odor da doutrina que procede de Cristo e a fragrância do Espírito Santo encheram toda a Igreja. A Igreja-esposa oferece o dom da sua fé como perfume de nardo e recebe a graça do Espírito Santo e a fragrância da doutrina espiritual. A esposa diz “meu nardo exalou seu odor” (Ct 1,12).

Se alguma vez somos capazes de fazer uma exposição integral e ajustada sobre a divindade de Cristo e de referendar com afirmações apropriadas seu poder e sua majestade, então a Igreja pode expor abertamente a sua glória: meu nardo exalou seu odor. (ORÍGENES. op. cit., p.182).

Orígenes diz que não se deve estranhar se o Cristo, o mesmo que é manancial, o mesmo que é pão da vida eterna, é também nardo que exala seu odor e perfume, que faz cristãos. Cristo chama-se perfume para que o olfato da esposa tenha a fragrância do Verbo. Aspirar a fragrância do amado significa encher-se dele, transformar-se nele. Na oração, a Igreja enche-se do Cristo-esposo e de seu odor, ou seja, da sua vida íntima.

“Bolsa de aloés bem atada é o meu amado para mim; entre meus peitos permanecerá” (Ct 1,13). Como já foi dito anteriormente, por peitos se entende a parte principal do coração, em que a Igreja tem Cristo bem atado, pois só poderá receber o odor da fragrância e suavidade do Verbo de Deus quem lhe tem bem seguro em seu coração com todo seu afeto e com todo o seu amor.

“Raminho de alfena é meu amado para mim, nas vinhas de Engadi” (Ct 1,14)

Primeiro meu nardo trouxe-me o odor do meu esposo; logo, bolsa de aloés bem atadas, se fez meu amado para repousar entre meus peitos; em último lugar, ramo de alfena das vinhas de Engadi que supera tudo quanto há de suave entre os odores e as flores. Primeiro seu nardo, logo em seguida a bolsa de aloés e, por último, o ramo de alfena. Essa gradação existe para dar entender certos progressos no amor. (ORÍGENES. op. cit., p.189).

Orígenes diz que devemos notar que as palavras da esposa estão referidas de tal maneira que o nardo, a bolsa de aloés bem atada e o raminho de alfena pertencem a ela somente, ou seja, a esposa já alcançou certos progressos no amor e agora tem um olfato puro e limpo que pode perceber a fragrância do nardo da gota de aloés e da alfena, que procedem do Verbo de Deus.

“Olha, quem era bela, tu que eras tão próxima! Olha, quem era bela! Teus olhos são como pombas” (Ct 1,15). Esta é a segunda intervenção do Esposo no diálogo com a esposa. Na



primeira intervenção, o Esposo chamou a atenção da esposa, dizendo que ela era a mais bonita entre todas as mulheres, mas se não conhecesse a si mesmo, sofreria conseqüências terríveis. A esposa é comparada aos cavalos ou a cavalaria entre os do faraó, segundo Orígenes isso significa que a esposa correu, teve pressa no conhecimento de si mesma, com o sentido e a inteligência, com seu pudor e prontidão de conversão, sua face foi comparada a de uma rolinha e seu pescoço, a um esplêndido colar. Agora, a esposa não é somente a mais bela entre as mulheres, mas é bela, principalmente, quando está próxima do Esposo porque recebe dele o esplendor de sua beleza de uma vez por todas e, mesmo que venha sofrer a ausência do Esposo, continua sendo bela. Quanto ao comparar os olhos da esposa a uma pomba, isto é, segundo Orígenes, porque a esposa entende as Escrituras não mais segundo a letra, mas segundo o Espírito e vê nelas, os “mistérios” espirituais. Efetivamente, a pomba simboliza o Espírito Santo, e por isso entender a lei e os profetas de modo espiritual é ter olhos de pomba. E, continua Orígenes, se falamos que Cristo é a cabeça, não é, em modo algum absurdo, que o Espírito Santo seja os dois olhos daquele que compreende e julga espiritualmente. E quando se diz à esposa que seus olhos são como a pomba, é como se estivesse dizendo teus olhos são espirituais, pois vêem espiritualmente e compreendem espiritualmente.

“Olha, que eras formosa!” (Ct 1,15). Esta expressão

pode pertencer ao tempo futuro, em que a Igreja não será formosa e radiante só por imitação, mas também em sua própria perfeição. Se aqui diz que seus olhos são pombas é para que se entenda que as duas pombas com seus pares de olhos são o Filho de Deus e o Espírito Santo. E não te estranhe que os dois se denominam pombas, posto que os dois também se chamam advogados, como segundo afirma João em seu Evangelho (Jo 14,16) e na sua Carta (1Jo 2,1). (ORÍGENES. op. cit., p.193-194).

A admiração da beleza da esposa é enorme porque esta é bela, santa no corpo e no espírito, é formosa aquela que leva ileso o tesouro de sua santidade. A Igreja necessita da beleza para agradar quem lhe escolheu, tornando-se querida pela sua beleza é querida por atender a

sua própria salvação para santificar-se cada vez mais e é queridíssima quando saboreia os beijos do seu esposo com unções e perfumes.

“Olha, que eras formoso, amado meu, olha que aposto que nosso leito é umbroso” (Ct 1,16). Para Orígenes, aqui neste texto a esposa examina com mais atenção a beleza de seu esposo, com olhos de pomba e percebe a dignidade e o aspecto do verbo de Deus. O leito é umbroso, ou seja, não é árido, mas frutífero, como que sombreado pela densidade das boas obras. Estas coisas, fala a esposa que tem olhos de pomba. “O corpo que tomou Jesus pode talvez também ser considerado como leito comum, seu com a esposa, porque, de fato, graças a ele a Igreja se uniu a Cristo e pode participar do Verbo de Deus.” (ORÍGENES. op. cit., p.196).

“Os madeiros de nossas casas são de cedro; nossas vigas, de cipreste” (Ct 1,17). Para Orígenes, Cristo aqui está descrevendo a Igreja que é casa espiritual e casa de Deus. Os cedros são os que protegem a Igreja e entre eles há alguns que são mais robustos e chamamos de vigas, são os que administram bem o episcopado; e madeiro, são os presbíteros. As vigas são de cipreste porque tem mais resistência e é mais robusto, possuindo odor suave, por isso representa o bispo, sólido nas obras e fragrante na graça da doutrina. Chamou de cedro os madeiros para mostrar que os presbíteros devem estar cheios de incorruptível virtude e do aroma da ciência de Cristo.

“Eu sou a flor do campo e os lírios do vale; como lírio entre os espinhos, assim é a que me é próxima entre as filhas.” (Ct 2,1-2).

Devemos entender que estas palavras são pronunciadas por Cristo falando da Igreja e Ele mesmo diz ser a flor do campo. Por campo devemos entender, aquele povo que se cultivava mediante a lei e os profetas; o vale, lugar rochoso e inculto, os gentios. O Esposo foi flor do povo judeu, mas como a lei não conduz nada até a perfeição, o Verbo de Deus não pode nele fazer progredir a flor até alcançar à perfeição do fruto. No vale, foi lírio e lírio que foi vestido pelo Pai do céu, com uma veste de carne, a qual nem Salomão em toda a sua glória pôde possuir. Efetivamente, Salomão não teve uma carne não manchada e nem absolutamente livre do pecado. (ORÍGENES. op. cit., p.198).

O esposo, segundo Orígenes, foi flor no campo e lírio nos vales e que, quando foi flor no campo, não brotou nenhuma flor que lhe fosse semelhante, fosse a sua imagem. Quando se fez lírio nos vales, aquela que lhe era próxima também se fez lírio, assim como lírio entre os espinhos aquela que me é próxima, esta é a Igreja dos gentios, que, segundo a interpretação origeniana, ela brotou dos infiéis e dos incrédulos, como se tivesse brotado dos espinhos.

“Como a macieira entre as árvores silvestres, assim é meu amado entre os filhos; a sua sombra desejei estar e me sentei, e seu fruto é doce em minha boca”.(Ct 2,3).

Como a macieira sobressai entre as outras árvores do bosque, assim também o Esposo entre os demais filhos, pois tem um fruto que supera a todos no sabor, não só no sabor como também no odor e que satisfaz os sentidos da esposa, isto é, ao gosto e ao olfato. Por árvores silvestres entendemos os anjos que aparecem como autores de cada heresia (no tempo de Orígenes era comum a convicção de que as heresias se difundiam por instigação dos demônios, ou seja, anjos maus). Assim, a Igreja, comparando a doçura da doutrina de Cristo com a aspereza dos ensinamentos heréticos e com a sua estéril e infrutífera doutrina, diz que as maçãs doces e saborosas são as doutrinas verdadeiras que se encontra nela, Igreja de Cristo, e as árvores silvestres são as diversas doutrinas que os hereges sustentam. (ORÍGENES. op. cit., p.202).

Para Orígenes, o amado da esposa está como macieira na Igreja de Cristo e enquanto que os hereges, árvores silvestres, estão para ser cortados e jogados no fogo.

A esposa deseja sentar-se a sombra dessa macieira, ou seja, a Igreja deseja estar sob a proteção do Filho de Deus. Orígenes, para explicar melhor a sombra que a esposa deseja, recorre ao texto de Lc 1,35 “a força do Altíssimo te cobrirá com sua sombra”. Na concepção do corpo de Cristo, atua a sombra do Altíssimo, por isso que a Igreja deseja sentar-se sob a sombra do onipotente, tendo como principal finalidade participar da vida que existe nessa sombra. “Desejei estar sob a sombra do esposo e me sentei” (Ct 2,3). Orígenes diz que passou o tempo que a esposa ficava sob a sombra da lei, agora é preciso buscar a sombra da macieira. A sombra da lei até pode defender a esposa dos raios fulminantes do sol que mata a semente de raízes pouco profundas. A sombra de Cristo, ou seja, a fé na sua encarnação não somente afasta este sol que queima, mas o apaga por completo. “E seu fruto é doce em minha boca.” (Ct 2,3)

Assim, pois o Senhor Jesus é plenamente desejável, porque quando está presente e também quando está ausente, é agradável a sua luz e sua sombra. E é desejável tudo que procede dele, tudo que tem o aroma e o sabor do Cristo unigênito do Pai, o Esposo da Igreja.

“Introduz-me na casa do vinho.” (Ct 2,4). Na casa do vinho, é que a Igreja deseja entrar para desfrutar das doutrinas de sabedoria e dos “mistérios” da ciência, como se desfruta de um delicioso convite e da alegria do vinho. Este vinho procede da vide verdadeira, por isso é sempre novo. O símbolo do vinho significa a fonte da vida e o “mistério” do amor.

“Ordena em mim o amor.” (Ct 2,4). Sendo a força do amor somente uma, há muitos modos de amar, por isso que a esposa diz ordena em mim o amor, ou seja, ensina-me as diversas regras do amor, ensina-me e dá-me a conhecer de que maneira devo guardar a ordem do amor.

O que a Igreja pede que lhe faça os amigos do Esposo [é que lhe ensinem a ordem do amor] – porque antes pedia para ser introduzida na casa do vinho, onde indubitavelmente havia compreendido que entre tudo que havia visto sobressaía-se e destacava-se a graça do amor e havia aprendido que o amor era o maior e o único que nunca deixa de ser, por isso que agora pede que lhe ensinem a ordem do amor. (ORÍGENES. op. cit., p.215).

“Sustenta-me com perfumes, apoiando-me nas macieiras, porque estou ferida de amor” (Ct 2,5). Depois de tudo que a esposa já viu e recebeu do Esposo e agora como que pasmada de admiração pede aos amigos e companheiros do Esposo que lhe mantenha firme como se fosse desfalecer e pede que a sustente, apoiando-a na macieira que produz bons frutos. Efetivamente, segundo Orígenes, a Igreja se sustenta e se apóia sobre aqueles que frutificam e crescem em boas obras. O sustentar-se com perfume é, para Orígenes, o apoiar-se nos catecúmenos que ainda não se tornaram árvores frutíferas e a Igreja apóia-se parcialmente neles. A Igreja apóia-se sobre as macieiras e assim descansa. E por macieiras, diz Orígenes, também devemos entender as almas que diariamente vão se renovando a imagem daquele que as criou e ao renovar vão se recriando à imagem do Filho de Deus. “Porque estou ferida de amor” (Ct

2,5). Esta ferida só se cura com a presença do amado, quando a esposa descobre que a ausência é uma presença mais profunda.

“Sua esquerda sob minha cabeça e sua direita me abraça” (Ct 2,6). A interpretação eclesiológica que Orígenes dá a esse versículo começa com alguns questionamentos: quem é esquerda e direita do Verbo de Deus? Qual é a cabeça da esposa, ou seja, a Igreja? A Igreja pede que seu esposo, o Verbo de Deus, lhe sustente a cabeça com sua esquerda e com sua direita lhe abrace, envolvendo todo o restante do corpo. Para Orígenes, a esquerda é aquela que contém riquezas e glórias, sem dúvida, a glória da paixão, porque a fé na paixão de Cristo são a glória e as riquezas da Igreja. Por esquerda, também se entende alguns planos de salvação realizados pelo Verbo de Deus depois de sua encarnação. Pela sua encarnação, o Verbo de Deus buscou riquezas e glória, ou seja, a salvação de todos os povos. A direita é a eternidade do Verbo de Deus.

Esta esquerda é aqui a Igreja, cuja cabeça é Cristo, deseja ter sob sua cabeça e assim tê-la protegida com a fé na encarnação Dele. Deseja ser abraçada com sua direita, ou seja, conhecer e ser instruída sobre todas aquelas coisas que realizadas graças a encarnação se tinha em segredo e oculta. Por direita deve entender-se tudo o que está na eternidade. (ORÍGENES. op. cit., p.224).

A esposa merece tanto a mão esquerda como a direita, para acumular o que se manifestará com o já manifestado. A longevidade de dias que se encontra na mão direita do Esposo cobre com seu abraço o coração e o corpo da esposa e, ao abraçá-la, une-a consigo.

“Eu vos conjuro, filha de Jerusalém, pelas virtudes e as forças do campo: se quiserem despertar o amor antes que ele queira.” (Ct 2,7). Não se desperta o amor sem que este queira ser despertado. Esta é a perfeição da esposa enamorada que não quer que se faça nada contra o pensar e o querer daquele que ela tanto ama. Segundo Orígenes, cada alma tem seu campo, onde as mesmas semeiam e plantam bons sentimentos e boas virtudes, mas para Orígenes também existe um campo único para todos (1Cor 3,9) e por este campo comum se deve entender o exercício da fé e o gênero de vida da Igreja, no que é certo que há virtudes

celestes e forças de dons espirituais. É por essas virtudes que a Igreja pede às donzelas, ou seja, aos principiantes na fé que despertem e façam levantar o amor de Cristo que se encontra dentro de cada um.

“A voz do meu amado” (Ct 2,8). O esposo antes de aparecer à vista da esposa dá-se a conhecer somente pela voz e, é somente pela voz, que a Igreja por primeiro conhece a Cristo. Cristo primeiro envia sua voz por meio dos profetas, ainda que não se pudesse vê-Lo, pelo menos O ouvia. “Se O ouvia, graças ao que anunciava sobre Ele; e a Igreja-esposa, que se vinha congregando desde o começo dos tempos, esteve sempre escutando sua voz, até que pôde ver com seus olhos”. (ORÍGENES. op. cit., p.229).

“Olha, Ele vem saltando sobre os montes, brincando sobre as colinas” (Ct 2,8). “Sobre o nosso salvador, o Esposo da Igreja, não se diz que caminha ou que corre, mas ainda que salta, brinca sobre os montes e colinas” (ORÍGENES. op. cit., p.233). Para Orígenes, saltar sobre os montes significa fazer os grandes reinos se inclinarem para receber o conhecimento da religião verdadeiramente divina. E brincar sobre as colinas ou montes pequenos significa que os reinos menores são mais velozmente submetidos ao amor do culto divino. Orígenes dá uma outra explicação bem mais eclesiológica a este texto do Cântico: Moisés escreveu sobre o Cristo na lei e os profetas também lhe anunciaram. Só que este anúncio, na eleição do Antigo Testamento, tem em cima um véu que lhe oculta.

Quando se tira o véu da esposa, isto é, a Igreja convertida ao Senhor, imediatamente ela vê o Esposo que salta sobre estes montes, ou seja, sobre os livros da lei e sobre as colinas, ou seja, sobre os livros dos profetas. Pela claridade com que se revela não só se manifesta senão que salta, é como se voltasse a cada página do texto profético, encontrará Cristo que salta fora dele. E agora tirando o véu que se cobria cada passagem do texto sente-se o prorromper da revelação. (ORÍGENES. op. cit., p.233-234).

Orígenes diz que, por isso, Cristo escolheu um monte para transfigurar-se, a fim de mostrar que Ele aparece sempre nos montes e colinas, ou seja, na lei e nos profetas e que não se deve buscá-lo em outra parte.

“Vede, está parado detrás da nossa parede aparecendo na janela e espreitando-me pelas gelosias. Meu amado responde e me diz” (Ct 2,9-10).

A alma está na Igreja e aprende do Verbo de Deus tudo o que está depositado e escondido no régio palácio e no quarto do tesouro do rei, aprende nesta casa que na Igreja de Deus vivo existe adegas de vinho novo, velho e doce, que é a doutrina da lei e dos profetas, quando esta [a alma] está suficientemente exercitada recebe em si mesmo o Verbo de Deus. (ORÍGENES. op. cit., p.252).

Para Orígenes, o Verbo de Deus olha pelas frestas da janela, exorta a esposa a levantar-se e a vir a Ele, isto é, deve deixar as coisas corpóreas e visíveis e apressar-se para as realidades incorpóreas, invisíveis e espirituais, pois as coisas que se vêem são temporais, mas as que não se vêem são eternas. Interpretando essa citação do Cântico (2,9-10), referindo-se diretamente a Cristo e à Igreja, Orígenes diz:

a casa em que habitava a Igreja significa as Escrituras da lei e dos Profetas, pois nelas, efetivamente, encontra-se o quarto do tesouro do rei, repleto de todas as riquezas, de conhecimento e de sabedoria; ali está também a casa do vinho, isto é, a doutrina moral e mística que alegra o coração do homem. Neste sentido, Cristo, ao vir, parou um pouco detrás da parede do Antigo Testamento, porém quando chegou o tempo e pelas janelas da lei e dos profetas, isto é, por meio dos que sobre Ele anunciava, começou a deixar-se ver e a mostrar a Igreja que Ele também tem um assento dentro da casa, isto é, dentro da lei. Ele convida a esposa para sair dali para vir ao seu encontro fora, se não sai, se não caminha e não progride, passando da letra ao Espírito, não pode se unir ao seu esposo, nem se incorporar a Cristo, por isso Ele chama a esposa a passar do carnal ao espiritual da lei ao Evangelho. (ORÍGENES. op. cit., p.255-256).

“Levanta-te, vem, tu que me eras tão próximo, formosa minha, pomba minha, porque, olha, o inverno já passou, a chuva já cessou e se foi, apareceram as flores na terra; chegou o tempo da poda; a voz da rolinha se escuta em nossa terra, a figueira já mostrou seus renovos e as vides em flores exalam sua fragrância” (Ct 2,10-13). Segundo Orígenes, o Verbo de Deus não poderia dizer que a esposa é tão próxima, se esta ainda não está unida a Ele e formando com Ele um só espírito. E o Esposo não a chamaria de formosa se não percebesse que sua imagem renova-se dia após dia; e, não lhe chamará pomba minha, se não percebê-la

como que capaz de receber o Espírito Santo. Para Orígenes, a voz da rolinha é a voz mais profunda da sabedoria de Deus, oculta no “mistério”. E, quanto às diversas árvores, que aqui são citadas, Orígenes interpreta da seguinte forma: “de fato, na Igreja, as diversas árvores simbolizam geralmente as distintas almas dos crentes”. (ORÍGENES. op. cit., p.262).

Quando Cristo fala para Igreja das estações do ano, quer dizer que se encerra nela em um ciclo de um ano toda a extensão de um tempo presente. O Esposo, segundo Orígenes, chama a Igreja para si e diz que já passou o inverno, que afundou os incrédulos, também já passou a chuva, ou seja, o Esposo não mandará mais profetas que fazem cair a chuva da palavra sobre a Terra, porque a mesma voz da rolinha, ou seja, da sabedoria de Deus, falará na Terra.

Por isso, na Terra aparecerão as flores dos povos crentes e das Igrejas nascentes. Porém, também chegou o tempo da poda por meio da fé em minha paixão e em minha ressurreição. Poda-se e se tira os pecados dos homens, quando no batismo lhes dão o perdão dos pecados. E a voz da rolinha não se ouve na Terra como se dizia por meio dos profetas, senão pela boca da mesma sabedoria de Deus. A figueira que brota seus renovos pode entender-se dos frutos do Espírito Santo, que agora pela primeira vez se manifesta e se mostra na Igreja. Desta maneira, a Igreja que Cristo tinha oculta na figueira, isto é, na lei, não aparece árida e nem segue a lei que mata senão ao Espírito, que floresce e dá a vida. (ORÍGENES. op. cit., p.265-266).

Todos os dons, todas as graças concedidas à Igreja, como está descrito no texto refere-se a uma realização na encarnação, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. O que era imagem, mediante a encarnação, morte e ressurreição de Cristo, começa a tornar-se realidade. Orígenes também aplica a esses versículos do Cântico uma visão escatológica da ecclesiologia presente nos mesmos. Ao iniciar sua interpretação ecclesiológica, Orígenes chama esses versículos de profecia sobre a Igreja. Por meio dessa profecia, a Igreja é chamada às futuras promessas como se já tivesse chegado o fim dos tempos e o momento da ressurreição. Orígenes explica que, quando o Esposo diz levanta-te, esta passagem está indicando o momento da ressurreição da Igreja. É como se a mesma tivesse voltado mais luminosa, mais resplandecente, por obra da ressurreição, e o Esposo a convida ao reino, falando-lhe que ela lhe



era próxima, formosa e pomba sua, acrescentando que o inverno já passou. Nessa interpretação de tonalidade escatológica, Orígenes diz que devemos entender por inverno as tormentas e tempestades da vida presente. As flores que apareceram na Terra representam o começo das promessas. Por tempo da poda, entende-se o machado aplicado a raiz da árvore no final dos tempos. A voz da rolinha entende-se a pessoa de Cristo que ensina face a face e já não mais através de um espelho ou por enigmas. Por figueira, que brota seus renovos, entendem-se os frutos de toda a congregação dos justos, enfim, daqueles santos e bem-aventuradas potestades angélicas, as quais se uniram pela ressurreição. São as vides em flores que repartem a cada alma sua fragrância e sua graça, que estas mesmas almas haviam recebido do Criador no princípio e que, posteriormente, haviam perdido, mas que recuperam agora e, por último com a doçura de sua fragrância celestial, conseguem afastar de si o mau odor da mortalidade e da corrupção.

“Levanta-te e vem, tu que me eras tão próxima, formosa minha, pomba minha; ao abrigo da penha, junto antemuro, mostra-me teu rosto e faz-me ouvir tua voz, porque doce é tua voz e formosa tua face” (Ct 2,13,14). Segundo Orígenes, a face da Igreja é formosa ou feia em razão dos hábitos e costumes dos crentes. As almas que vão chegando à perfeição e que formam o corpo da Igreja e vão se renovando dia após dia à imagem de quem as criou, para que a face da Igreja seja sem mancha e sem ruga, assim como Cristo apresentou a Igreja a si mesmo. Interpretando esta citação no sentido espiritual, Orígenes diz:

de que modo Cristo disse essas coisas à Igreja, que lhe é tão próxima e tão formosa, formosa só para Ele e nada mais. Por isso, ela é a que Cristo desperta e a que anuncia o Evangelho de ressurreição e, por isso, lhe diz: levanta-te, vem, tu que me eras tão próximo formosa minha. Por outra parte, deu-lhe também asas de pomba depois de haver descansado no meio dos lotes ou chamados, ou seja, primeiro foi chamado Israel. Logo quando tropeçou e caiu, foi chamada a Igreja. Quando todos os gentios fizerem parte da Igreja novamente todo o Israel será chamado e se salvará. O segundo chamado a Israel não será mais na observância da lei, mas no grande valor da fé. Também se pode dizer que a Igreja descansa em meio aqueles lotes, isto é, em meio aos dois testamentos. (ORÍGENES. op. cit., p.275-276).

“Mostra-me teu rosto e faz-me ouvir tua voz, porque doce é a tua voz” (Ct 2,14). Orígenes diz que o Esposo quer escutar a voz da Igreja, porque, quando um me reconhece diante dos homens, Ele também lhe reconhece diante de seu Pai que está no céu (Mt 10,32). “Porque doce é tua voz” (Ct 2,14). “E quem não reconhecerá que é doce a voz da Igreja Católica que confessa a verdadeira fé e, ao contrário, é áspera e desagradável à voz dos hereges que não falam doutrinas verdadeiras senão blasfêmias contra Deus?” (ORÍGENES. op. cit., p.277). Segundo Orígenes, o antemuro é o seio do Pai, estando nele, o Filho unigênito dá a conhecer tudo que revela a sua Igreja, o quanto se contém no seio secreto e escondido do Pai. Cristo chama para si a esposa para ensiná-la tudo o que há no Pai.

“Caçamos as raposas, que destroem as vinhas, e nossas vinhas floresceram” (Ct 2,15). Orígenes diz que, por raposas, devemos entender as potestades inimigas que, por meio de torcidos pensamentos e errônea interpretação, querem eliminar na esposa a flor da virtude e aniquilar o fruto da fé. O Esposo pede a Deus que envie os seus anjos, os mesmos que cuidaram da esposa quando esta era pequena, para agora protegê-la das raposas. Ainda se referindo a Cristo e à Igreja podemos entender que as palavras dessa citação (Ct 2,15) parecem dirigir-se aos doutores da Igreja e que eles são os responsáveis da captura das raposas que destroem as flores das vinhas. Por outro lado, também podemos entender por raposas, os perversos doutores das doutrinas heréticas, que com astúcia de seus argumentos seduzem o coração dos inocentes e arruínam a vinha do Senhor, para que não floresça com a reta fé. Os doutores católicos são convidados a caçar as raposas com afirmações verdadeiras. “Todos os santos doutores e mestres da Igreja receberam o poder de caçar as raposas” (ORÍGENES. op. cit., p.285).

Percebemos ao longo da interpretação espiritual que Orígenes faz do Cântico dos Cânticos um progredir da esposa. Começa mostrando que esta não se contenta somente com que os amigos do Esposo lhe falam Deste. Ela deseja ouvir o Esposo face a face, quer receber os beijos da sua boca. E como a esposa vai progredindo no seu amor pelo Esposo, este se torna

próximo dela e está presente de forma profunda pela ausência. Percebemos que a esposa alcançou um momento de união definitiva com o Esposo, ou seja, aderiu à divindade do Verbo. Contudo, Orígenes mostra que, na união da esposa com o Esposo, existe um estado de tensão dinâmica, pois se a esposa não permanece bem atenta e não chega a conhecer a si mesma pode prejudicar a sua união com o Esposo. Por duas vezes, Orígenes aplicou uma interpretação escatológica à interpretação espiritual do Comentário ao Cântico, mostrando que as tensões serão superadas somente na ressurreição final, quando a união da Igreja-esposa com o Cristo-esposo será definitiva e completa. O tema fundamental da interpretação espiritual que Orígenes faz do Cântico é o contraste entre Israel e a Igreja Cristã, entre a velha herança do Antigo Testamento e a nova economia do Novo Testamento. Para Orígenes, a Igreja não começou com Cristo e os Apóstolos, mas que existe realmente desde sempre e desde o começo do mundo e tem vivido sempre na espera de Cristo. Sua chegada na carne, sua união com ela tem significado a passagem da idade infantil à adulta, da imperfeição da lei à perfeição da graça e agora está apta para unir-se a seu esposo, depois de tanto tempo esperado. As diversas particularidades do Comentário podem ser entendidas a partir de uma compreensão da Igreja-esposa, embora que sejam sempre ressaltadas as qualidades do esposo, seu aroma, seu perfume e seus peitos são melhores do que a lei e os profetas.

## CONCLUSÃO

Como conclusão da pesquisa, percebemos que é necessária uma específica eclesiologia como chave de leitura para a eclesiologia de Orígenes no Comentário ao Cântico, depois de uma leitura do mesmo e especificamente da sua interpretação tipológica, em que os personagens centrais do livro Cântico dos Cânticos são, para Orígenes, imagens da Igreja-esposa e do Cristo-esposo.

Para Orígenes, a Igreja não começou com Cristo e os Apóstolos, mas existe desde sempre, desde o começo do mundo e tem vivido sempre na espera do Cristo. A encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo tornou a Igreja apta para a união com seu Esposo. A eclesiologia específica destacada como chave de leitura é a eclesiologia da esposa. O tema da esposa tem, em Orígenes, amplo relevo porque está na base de sua interpretação do Cântico. A esposa para Orígenes é mais do que uma imagem, é uma definição da Igreja, a qual se aplica distintas imagens. A eclesiologia da esposa, em Orígenes, não consiste somente no Cristo que busca a esposa, mas também na esposa que busca e deseja Cristo. Esta eclesiologia mostra que toda a história da Igreja-esposa, desde Adão, não é mais do que uma preparação ao encontro com o Cristo-esposo. A eclesiologia da esposa tem como fundamento a percepção do “mistério” de Cristo na história da salvação. Este “mistério” é constitutivo do ser histórico da Igreja, pois a Igreja, enquanto presente no mundo, revela o “mistério” de Cristo. A eclesiologia da esposa mostra em primeiro lugar com grande clareza o vínculo da união entre o Cristo-esposo e a Igreja-esposa e que Cristo está presente na Igreja e diante dela. Presente na Igreja, porque esta é verdadeiramente habitada por Cristo de tal modo que quem a encontrar, encontra Cristo; está diante dela para levá-la no Espírito Santo a realidades ainda maiores. A eclesiologia da esposa possui uma rica reflexão sobre a beleza da Igreja, sobre a necessidade do amor à Igreja e sobre sua obrigação de guardar a fidelidade ao amor de Cristo. Essa eclesiologia envolve as três características da Igreja presente na eclesiologia de Orígenes: Igreja da preexistência, Igreja do tempo presente e Igreja escatológica ou triunfante. Quanto à

aplicação da eclesiologia da esposa à Igreja do tempo presente, podemos dizer que esta eclesiologia mostra a Igreja na alegria do encontro com o rosto do Esposo e no recebimento dos dons. Assim, a Igreja compreende e percebe a realização das promessas do futuro. O Cristo-esposo continua mostrando seu amor à Igreja, enchendo-a de dons que brotam do seu amor para com ela. Enquanto peregrina nos caminhos da história, a esposa sofre com os pecados dos que estão no seu seio. Sofre precisamente porque está próxima, muito próxima do seu Esposo e, o que lhe conforta, é ouvir a voz do Esposo. Podemos dizer que a eclesiologia da esposa nos mostra de forma bem clara as tristezas e as alegrias da esposa, enquanto peregrina. A fidelidade do Esposo e a sua promessa de estar sempre com a esposa é o fundamento da alegria, encorajadora da esposa.

Quanto à Igreja escatológica ou triunfante, característica que também está presente na eclesiologia de Orígenes, a eclesiologia da esposa diz-nos que esta, consciente de sua responsabilidade, anuncia o Cristo ressuscitado com seu testemunho de amor. A Igreja não anuncia a si mesma e, sim, a fidelidade do Esposo e para melhor compreendermos essa característica da Igreja, a eclesiologia da esposa dá-nos, como fundamento bíblico, algumas citações do livro do Apocalipse. O livro do Apocalipse mostra-nos uma Igreja em espera, impaciente, porém, alegre e confiante de que chegue logo o dia de festa eterna. O final da Igreja é considerado em toda a sua universalidade, é vista nas bodas do Cordeiro como a esposa que está próxima de sair do seu desterro na Terra, uma vez que a Igreja foi purificada na prova e por ter mantido sua fidelidade ao Esposo. A eclesiologia da esposa mostra como o livro do Apocalipse põe em relevo a unidade íntima que se dá entre a Igreja triunfante e a peregrina.

O Esposo vem libertar a sua esposa, a Igreja, do desterro e conduzi-la a glória ou cumprimento final das promessas de salvação. A Igreja terrestre sai com toda pressa ao encontro do Esposo, vestida para os sponsais com a graça de Deus e as boas obras dos cristãos. As bodas do Cordeiro são iminentes, porém, ao mesmo tempo, constituem uma promessa, cuja realização

espera a Igreja com confiança e perseverança. Quando à Igreja, é conduzida pelo seu Esposo, o Cordeiro, para as bodas eternas, ela será totalmente transformada e equiparada com a nova Jerusalém. Como diz R. Schnackenburg (op. cit., p. 704), a Igreja está nesse mundo firme sobre o fundamento da obra salvífica de Cristo e mantém intrépido o seu testemunho, necessitando ser fiel à graça que lhe foi concedida para estar segura do seu triunfo. A esposa participa da glória de Cristo, porém esta glória não está, todavia, revelada. A Igreja espera à hora, em que o Esposo a leve para a casa de seu Pai. A esposa se engalana para o Esposo, como uma noiva, que, com acento ardente, clama pela vinda do seu amado, está movida pelo Espírito Santo de tal forma que às vozes de ambos se fundem no mesmo apelo e o Cristo-esposo responde a súplica da Igreja e do Espírito Santo.

A eclesiologia da esposa possui uma fixa fundamentação bíblica e patrística. O Antigo Testamento nos fala de Israel amado, qual esposa pelo seu Deus, independentemente de qualquer infidelidade sua. Fala também da beleza da esposa e de sua fecundidade, os traços de infidelidade desapareceram, a virgem esposa se demonstra capaz de responder com o mesmo amor e este é o conteúdo do Cântico dos Cânticos, tão caro a Orígenes quando este quer expressar a relação sponsal entre Cristo-esposo e a Igreja-esposa. Nos sinóticos, Jesus é reconhecido e saudado como Esposo já presente. É o próprio Jesus que se qualifica como Esposo, como Esposo já presente. Ao refletirmos sobre a apresentação que Jesus faz de si próprio como Esposo, é preciso reconhecer que Ele aparece Esposo de maneira mais profunda que no Antigo Testamento. Na antiga aliança, a ausência do Esposo às vezes era entendida como um sinal de cólera divina; no Novo Testamento, a ausência é sinal do amor mais pleno, que toma o caminho de sacrifício. O Evangelho de João é também permeado destas imagens sponsais. Como diz Odo Casel (1984. p. 162)., o verdadeiro momento das bodas é a cruz. A morte do Esposo na cruz assinala o momento em que se preparou para si a sua esposa, no momento em que fez a sua esposa, a santificou e a purificou. Ao identificar-se como Esposo,

Jesus sublinha, no seu amor, o aspecto de doação. Reconhecer a Igreja como esposa pelo Cristo-esposo, é vê-la num “mistério” de distinção e unidade em relação a si mesmo.

A eclesiologia da esposa na teologia paulina é bem apresentada na Carta aos Efésios. O que é uma instrução, sobre a relação homem e mulher, torna-se reflexão sobre o “mistério” de Cristo e da Igreja. Podemos afirmar que a eclesiologia de Orígenes, no Comentário ao Cântico dos Cânticos, está bem fundamentada na eclesiologia da esposa em São Paulo, principalmente na Carta aos Efésios. Orígenes, no seu comentário, faz referência ao objetivo da doação de Cristo descrito por São Paulo, objetivo este é o de apresentar a si a Igreja gloriosa, santa e irrepreensível, sem mancha e sem ruga. É o próprio Cristo desta vez que apresenta para si a esposa sem nenhum intermediário, sendo a beleza da esposa reflexo do seu próprio amor.

A fundamentação patrística, que tem a eclesiologia da esposa, consiste que o “mistério” da Igreja-esposa, revelado na história da salvação, é retomado pela comunidade primitiva e pelos Santos Padres, sob os diversos ângulos oferecidos pela Escritura e, dentre os Santos Padres, quem dá maior destaque a eclesiologia da esposa é Orígenes, como chave de leitura do Cântico dos Cânticos. Uma das características da Igreja-esposa, que era bem presente na patrística e que não aparece no comentário que Orígenes faz do Cântico, é a temática ou característica da maternidade virginal da Igreja. A eclesiologia de Orígenes no Comentário ao Cântico é mais unitiva e não fala da maternidade da Igreja. Percebemos, mesmo nos Santos Padres, que a maternidade não é consequência da sponsalidade, mas contemporânea a mesma.

Os Santos Padres, interpretando o “banho da água” que nos fala a Carta aos Efésios, apresentam o batismo como tipo do “mistério” das núpcias de Cristo com a Igreja. A Eucaristia também recebe conceito semelhante, a Igreja-esposa se une a Cristo-esposo na Eucaristia, Dele se nutre, torna-se uma só coisa com o Esposo, que na Eucaristia, ama sua Igreja e se dá a si mesmo por ela.

É a eclesiologia da esposa o que torna a eclesiologia de Orígenes no Comentário ao Cântico bem atual, por isso a primeira é chave de leitura indispensável para a segunda. Podemos ainda afirmar que a eclesiologia da esposa sempre esteve presente no Magistério da Igreja durante todos os séculos, mas sem um aprofundamento especial. O Vaticano II retoma a eclesiologia da esposa com certo destaque, encontrando-se o texto principal no número 6 da *Lumen Gentium*. Nessa passagem, aparecem várias citações bíblicas e a Igreja é descrita como esposa imaculada do Cordeiro imaculado. Não é o único texto conciliar que apresenta a eclesiologia da esposa, pois as aplicações são múltiplas dentro do corpo doutrinal do Vaticano II (DV 8.23; SC 7.84-85.102). Apesar de toda a riqueza dos textos conciliares, a eclesiologia da esposa não teve influência determinante na teologia do pós-concílio. É mais perceptível nos textos litúrgicos pós-conciliar, como no prefácio da Imaculada, e nos textos do comum da dedicação de uma Igreja.

Podemos afirmar que, de todos os Pontífices, foi precisamente João Paulo II que deu lugar de honra no seu magistério a eclesiologia da esposa, principalmente, em suas catequeses sobre a Igreja e sobre o matrimônio, tendo como fundamento sempre as Sagradas Escrituras e, principalmente, o texto paulino da Carta aos Efésios. O Papa João Paulo II afirma que o autor da Carta aos Efésios apresenta o amor de Cristo para com a Igreja como modelo de amor dos esposos; também afirma uma submissão recíproca entre os esposos, mas na relação de Cristo com a Igreja, somente ela é submissa e esta submissão consiste num experimentar o amor de Cristo. A Igreja como esposa, sendo objeto do amor do Redentor, de Cristo-esposo torna-se seu corpo. Na sua carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, o Papa João Paulo II dedica um capítulo à eclesiologia da esposa, sempre tendo como fundamento a eclesiologia da Carta aos Efésios. O Papa diz que o autor desta carta exprime a verdade sobre a Igreja como esposa de Cristo, indicando, igualmente, como esta verdade se radica na realidade bíblica da criação do homem como varão e mulher.



Cristo é o esposo da Igreja, a Igreja é a esposa de Cristo. Esta analogia não deixa de ter precedentes: ela transfere para o Novo Testamento o que já estava presente no Antigo Testamento, particularmente nos profetas Oséias, Jeremias, Ezequiel e Isaías. (MULIERIS DIGNITATEM. cap. VIII)

O Papa ainda ressalta que Cristo é o Esposo porque se entregou a si mesmo, o dom sincero atuado no sacrifício da Cruz e ressalta de modo definitivo o sentido esponsal do amor de Deus. Cristo é o Esposo da Igreja como Redentor do mundo.

Podemos perceber agora, de forma bem clara, pelo o que aqui foi apresentado sobre a eclesiologia da esposa, como a mesma é necessária para que a eclesiologia de Orígenes no Comentário ao Cântico dos Cânticos ganhe contemporaneidade. É uma compreensão da eclesiologia da esposa que torna atual a eclesiologia de Orígenes.

Enfim, podemos dizer que o Comentário ao Cântico dos Cânticos não termina, pois a história está construindo o seu próprio cântico de amor que já é cantado por aqueles que seguem ao Cristo-esposo. Este Cântico é o mandamento do amor, que é sinal e estímulo para a Igreja-esposa. Cristo quer ser todo para sua esposa, a Igreja, seu princípio, seu fim, sua vivência mais profunda e seu objetivo único. A Igreja do nosso tempo, como a Igreja primitiva, segue sendo interpelada pelo Cristo-esposo, o Senhor quer um amor desde o mais profundo do coração. O segredo para descobrir e viver o sentido esponsalício da nossa história particular e eclesial encontra-se só em Cristo crucificado e ressuscitado. O sim definitivo da Igreja-esposa é um processo de unidade devida, sob a ação do Espírito, por meio das circunstâncias concretas do caminhar histórico, ouvindo somente a voz do amado. Podemos afirmar que o Cântico não ficou concluído porque a história de amor continua, enquanto a Igreja-esposa for peregrina. Cada circunstância histórica pode se converter em uma nova estrofe do Cântico. Somos convidados a abrir o nosso coração a Cristo-esposo, em sua vinda de todos os dias e todo nosso existir ficará aberto para o encontro definitivo com Ele, no fim dos tempos. O importante não

é ler ou escrever um novo comentário do Cântico, mas decidir realizar ao menos uma estrofe na própria vida.

## REFERÊNCIAS

- ANTON, Angel. **La Iglesia de Cristo, el Israel de Vieja y de la nueva alianza**. Madrid: BAC, 1977.
- A SANTA BÍBLIA. **O Cântico dos Cânticos**. Tradução: Dom Estevão Bettencourt. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- AMBROGGI, Pietro de. **Il Cantico dei Cantici**. Serie Biblica II. Roma: Pauline, 1952.
- BALTHASAR, Hans Urs Von. **Teodramatica: Las Personas del Drama: El hombre en Cristo**. Madri: Encuentro, 1992.
- BIFET, Juan Esquerda. **Hemos conocido el Amor. Meditaciones sobre el Cantar de los Cantares**. Madri: BAC, 1987.
- BRENNER, Athalya. **Cântico dos Cânticos: A partir de uma leitura de gênero**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CASTAGNO. Adele Monaci. **Orígenes Diccionario: La cultura, el pensamiento, las obras**. Burgos: Monte Carmelo, 2003.
- CASTELA, Franco. **Cantico dei Cantici: Riflessioni teologiche e spirituali**. Milano: Pauline, 1995.
- CAVALCANTE, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos. Um ensaio de interpretação através de suas traduções**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- CLARAVAL, San Bernardo. **En la escuela del amor**. Madrid: BAC.1999.
- CROUZEL, Henri. **Origene uno teólogo controvertido**. Madri: BAC, 1998.
- GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **El Cuerpo de Cristo que es la Iglesia**. Guadalajara: Ediciones CEM, 2001.
- HACKMANN, Geraldo Luis Borges. **A amada Igreja de Jesus Cristo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- LUBAC, Henri de. **Paradoxo e Mistério da Igreja**. Tradução de Ângelo Busnardo. São Paulo: Herder, 1969
- ORCHARD, B. **Verbum Dei**. Antiguo Testamento: Esdras a Macabeos. Tomo II. Barcelona: Herder, 1960.
- Orígenes e o Cântico dos Cânticos. **Atualização**, Belo Horizonte, n. 315, jul/ago, 2005.
- ORIGENES. **Comentario al cantar de los Cantares**. Tradução: Argimiro Velasco Delgado. Madri: Ciudad Nueva, 1986.

PAULO II, João. **Homem e Mulher o criou**. Org. João Carlos Petrini, Josafá Meneze Bauru. São Paulo: Edusc, 2005

RAVASI, G. **Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

STADELMANN, L.I. **Cântico dos Cânticos**. Coleção Bíblica Loyola-11. São Paulo: Loyola, 1998.